



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Câmpus de Três Lagoas

**A GEOGRAFIA DOS GUATÓ: O PROCESSO DE MOBILIDADE DOS
REMANESCENTES ÍNDIOS CANOEIROS DO PANTANAL SUL-MATO-
GROSSENSE FRENTE AOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI.**

FABIO SILVA MARTINELLI

Três Lagoas - MS
2012

FABIO SILVA MARTINELLI

**A GEOGRAFIA DOS GUATÓ: O PROCESSO DE MOBILIDADE DOS
REMANESCENTES ÍNDIOS CANOEIROS DO PANTANAL SUL-MATO-
GROSSENSE FRENTE AOS DESAFIOS SÉCULO XXI.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação –
Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS – Área de Concentração
Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência
final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob
orientação do Prof. Dr. **Wallace de Oliveira**.

Três Lagoas - MS
2012

TERMO DE APROVAÇÃO

FABIO SILVA MARTINELLI

A GEOGRAFIA DOS GUATÓ: O PROCESSO DE MOBILIDADE DOS
REMANESCENTES ÍNDIOS CANOEIROS DO PANTANAL SUL-MATO-GROSSENSE
FRENTE AO SÉCULO XXI.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pela seguinte banca examinadora:

ORIENTADOR: Prof. Dr. Wallace de Oliveira. - UFMS - Câmpus de Três Lagoas.

Prof. Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto. - UFMS - Câmpus de Três
Lagoas

Prof. Dr. Levi Marques Pereira. UFGD – Dourados-MS.

Suplente: Prof. Dr. Francisco José Avelino Junior. - UFMS - Câmpus de Três
Lagoas.

Três Lagoas - MS
2012

*Dedico este trabalho, a minha esposa,
Silvia, pela paciência, compreensão,
amizade, amor e dedicação. E em
especial, para a menina dos olhos de
Deus, nossa filha Sofia.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador o Prof. Dr. Wallace de Oliveira pela sua competência, colaboração e constante compreensão em todas as fases de desenvolvimento desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia da UFMS/CPTL.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia da UFMS/CPTL, que contribuíram para a realização deste trabalho, desde a minha entrada no Programa em 2009, como aluno especial, Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira e a Prof^a Dra. Patrícia Helena Mirandola, e com o meu ingresso no Programa como aluno regular, Prof^a Dra Edima Aranha Silva, Prof^a. Dra Luiza Luciana Salvi, Prof. Dr. Hervé QuénoI, Prof. Dr. André Luiz Pinto, Prof. Dr. Ailton Luchiari, Prof. Dr. Arnaldo Yoso Sakamoto.

Ao Prof. Dr. Francisco José Avelino Junior e ao Prof. Dr. Levi Marques Pereira, pela sabedoria e contribuição em minha qualificação.

Agradeço pelas orientações que levarei para a vida toda.

A Universidade da Grande Dourados, por ceder o Prof. Dr. Levi Marques Pereira, para participação em minha Banca de Qualificação e defesa.

Ao Laboratório de Geoprocessamento e aos colegas que colaboraram na confecção dos mapas.

Aos colegas mestrados, pelas alegrias que passamos junto, ora viajando, ora estudando, ora apresentando seminários, ora confraternizando e que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu aprendizado: Patrícia, Leandro, Maria Rosangela, Hansi Miller, Dóri Edson, Eduardo, Vinicius, Sirlene, Dayse, Waldélia, Glauca e Rodrigo Cacho.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado nesta etapa de minha vida, em especial ao Carlos Alberto Panek Junior, pelas dicas, contribuições e sugestões no trabalho.

Ao amigo Fabio de Souza Lopes, que sempre me incentivou.

Ao Thiago Fernandes Pereira pela grande contribuição na confecção de alguns mapas.

A Marinês Soratto pelo incentivo ajuda e correções, e pelas palavras de estímulo que sempre me confortaram.

Agradeço aos Guató, pela oportunidade de trabalhar com um grupo de pessoas que nunca esqueceram o seu porto seguro, e sempre buscaram o seu retorno, apesar de todas as adversidades que enfrentaram, em especial ao cursistas do Curso Normal Médio – Povos do Pantanal: Alice, Marivania, Elenir, Francisca, José Ataíde e Laucidio.

Ao Cacique Severo e Dona Dalva, que colaboraram com a pesquisa.

A minha querida avó Clarinda Garcia Leal ou Vó Bebé, que sempre me acolheu no seu lar, todas as vezes que fui para Três Lagoas, sempre com uma comidinha caseira irresistível.

A minha esposa, Silvia, que sempre esteve do meu lado incentivando, com paciência e amor para me confortar nas horas difíceis.

Ainda que eu esqueça de citar alguém ou alguma instituição que de alguma forma colaborou neste trabalho, desde já peço desculpa por não tê-lo feito, mas agradeço pela contribuição.

RESUMO

Esta dissertação apresenta a comunidade indígena Guató, que vive no meio do pantanal sul-mato-grossense, e sempre viveram neste território, o primeiro registro que se tem data de 1543, e os vestígios arqueológicos apontam a presença humana há mais de 800 anos antes do presente, embora estes registros não afirmem que são índios Guató, apenas que existiam índios no pantanal bem antes do descobrimento do Brasil. Os Guató foram considerados extintos em meados da década de 1950, começaram um processo de reivindicação do seu território tradicional, que resultou o seu retorno a uma pequena parte do seu território tradicional em 1994. Desde então muita coisa mudou, a relação com a natureza já não é mais a mesma, muitos produtos tecnológicos que funcionam a energia elétrica foram inseridos no cotidiano da aldeia, sendo os últimos 15 anos de luta e reivindicação de melhoria para a comunidade. Para tanto, os objetivos específicos deste trabalho são: Rever o histórico da comunidade guató, principalmente quanto ao fato de terem ficado alguns anos sendo considerados índios extintos; Questionar as relações com a natureza a partir do contato com o não-índio; Verificar possíveis mudanças nestas relações após retorno na ilha Ínsua; Mapear o território tradicional atual comparando com o antigo; Entrevistar todas as famílias da comunidade. Tendo como metodologia os procedimentos de, André Libault, em “Os Quatro Níveis da Pesquisa Geográfica” (1971, grifo nosso). Assim, iniciamos os trabalhos com o nível I, Compilatório, onde foi realizado um levantamento bibliográfico e fichamento de obras que envolveram o povo guató, no nível II, Correlatório, começamos ponderando os dados correlacionados e suas fidedignidades, no Nível III, Semântico, apresentamos as correlações de como era a relação dos Guató com a natureza e de como está esta relação na atualidade, o nível IV Normativo, apresentamos os resultados e análises que foram realizadas. Ao longo do tempo e do espaço, os índios guató tiveram que adaptarem-se as mais diversas situações, no entanto, nunca deixou “apagar” sua relação com o território tradicional, A relação que o povo guató desenvolveu com a natureza ao longo dos séculos, sofreu alteração, no entanto os produtos, principalmente tecnológicos, que estão sendo inseridos na aldeia, precisam de um destino adequado na hora do descarte. Cabe a comunidade conhecer os benefícios e malefícios que estes produtos poderão gerar no futuro próximo.

Palavras chave: Índio Guató, Ilha Ínsua e Território.

ABSTRACT

This dissertation presents the indigenous community Guató, who lives in the middle of the swamp South Mato Grosso, and have always lived in this territory, the first record that is dated 1543, and the archaeological remains indicate human presence for more than 800 years before of this, but these records do not say that Indians are Guató, only that there were Indians in the swamp well before the discovery of Brazil. The Guató were considered extinct in the mid-1950s, began a process of claiming your traditional territory, which resulted in his return to a small part of their traditional territory in 1994. Since then much has changed, the relationship with nature is no longer the same, many technology products that run on electricity are inserted in everyday village, with the last 15 years of struggle and claim improvements to the community. Therefore, the specific objectives of this work are: Review the history of the community Guató, mainly about the fact that they remained some years were considered extinct Indians; Questioning the relationship with nature through contact with non-Indians; Check possible changes these relations on the island after returning Ínsua; Map the current traditional territory compared with the old; Interviewing all families in the community. With the methodology procedures, André Libault in "The Four Levels of Geographic Search" (1971, emphasis added). So started working with the Level I Compilatório, where we conducted a literature review and cataloging of works involving the people Guató, level II, Correlatório, started pondering the correlated data and its trusts, at Level III, Semantic present correlations as was the relationship of Guató with nature and how this relationship is today, the Normative level IV, we present the results and analyzes that were performed. Over time and space, Guató Indians had to adapt to many different situations, however, never left "erase" their relationship with traditional lands, the relationship that developed Guató people with nature for centuries , was altered, however the products, especially technological, being inserted in the village, they need a proper destination at the time of disposal. It is the community learn about the benefits and harms that these products may generate in the near future.

Keywords: Indian Guató, Island Insua and Territory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Mapa político/administrativo, Ilha Ínsua: terra indígena dos guató de MS..	22
Figura 2: Mapa do Território Tradicional dos Guató	25
Figura 3: Mapa de ocupação do continente americano	30
Figura 4: Mapas dos municípios com terra indígenas em MS.	37
Figura 5: Mapa de Terras Indígenas regularizadas e em estudos.	38
Figura 6: Índios guató em duas canoas	40
Figura 7: Família guató.	42
Figura 8: Velho e menina guató.	43
Figura 9: Guató da Passagem Velha, a 04 léguas de Vila.	43
Figura 10: Canoa guató sendo reutilizada, com plantação de cebolinha.	49
Figura 11: colheita de abobora.	49
Figura 12: Plantação de Mandioca.	50
Figura 13: Roça de Banana.	50
Figura 14: Colheita de arroz selvagem.	51
Figura 15: Menino colhendo arroz selvagem.	51
Figura 16: Molininho utilizado pelos guató para produzir fogo	52
Figura 17: Fogão a lenha e fogão a gás.	53
Figura 18: Vasilhame guató	54
Figura 19: vasilhames guató na atualidade.	55
Figura 20: Homem e uma criança guató em sua casa	56
Figura 21: Índios guató, na confluência do rio São Lourenço, em sua casa	57
Figura 22: Casa tradicional sem paredes barreada.	58
Figura 23: Casa tradicional com paredes barreadas.	58
Figura 24: Casa de madeira com telhado de amianto.	59
Figura 25: Casa de madeira com telhado de palha de acuri.	60
Figura 26: Casa de barro com telhado de amianto.	60
Figura 27: Mulheres guató.	61
Figura 28: Mulheres guató.	62
Figura 29: Mulheres e homens guató na escola.	62
Figura 30: Homens guató	63
Figura 31: Homens guató, preparando churrasco.	63
Figura 32: Homens guató.	64
Figura 33: Flecha do primeiro tipo de ponta simples em madeira.	64
Figura 34: Flechas do segundo tipo de ponta adentada de madeira.	65
Figura 35: Flechas do terceiro tipo, para pássaros de ponta engrossada.	65
Figura 36: Flechas do quarto tipo de ponta de taquara.	66
Figura 37: Flechas do quinto tipo com ponta de osso “mandápi”.	66
Figura 38: Flecha do sexto tipo em forma de arpão com ponta de osso.	67
Figura 39: Arco para atirar bola de barro, conhecido como bodoque guató	68
Figura 40: Espingarda calibre 22 utilizada pelos guató.	69
Figura 41: Flechas guató.	69
Figura 42: Abano para fogo.	70
Figura 43: Abano produzido na atualidade.	71
Figura 44: Sr. Robertinho produzido viola de cocho.	73
Figura 45: Viola de cocho pronto nas mãos do Sr. Robertinho.	73
Figura 46: Construção da canoa guató.	76
Figura 47: Ximbuva “sã”	77

Figura 48: Localização da Ilha Ínsua.	83
Figura 49: Mapa de ilha Ínsua, com as residências guató georeferenciadas. ... Erro! Marcador não definido.	
Figura 50: Mapa de ilha Ínsua, com as residências guató georeferenciadas. ... Erro! Marcador não definido.	
Figura 51: Mapa da população em julho 2011.	88
Figura 52: estação de tratamento de água.	90
Figura 53: Casa de máquina construída em 2009.	90
Figura 54: Placa solares e casa de baterias ao fundo.	91
Figura 55: Posto de saúde.	91
Figura 57: Escola nova construída em 2004.	92
Figura 56: Primeira escola de aldeia.	92
Figura 58: Barco Guató I ao fundo e voadeira á frente.	93
Figura 59: Barco Guató I, navegando no rio Paraguai.	94
Figura 60: Casa de oração.	95

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Povo indígenas no Brasil.	32
Tabela 2: Tabela de população indígena por município e aldeia de MS.	36
Tabela 3: Mapa real das terras indígenas em 1993.	36
Tabela 4: Mapa real das terras indígenas em 2012.	37
Tabela 5: Tabela de contato com o povo guató ao longo dos séculos de contato.	81

LISTA DE SIGLAS

CIMI	= Conselho Indigenista Missionário
FMA	= Filha de Maria Auxiliadora
FUNAI	= Fundação Nacional do Índio
FUNASA	= Fundação Nacional de Saúde
IBGE	= Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	+ Instituto Sócio Ambiental
UNESCO	= Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
SED	= Secretária de Estado de Educação
SPILTN	= Serviço de Proteção ao Índio e localização de trabalhadores Nacionais
SPI =	= Serviço de Proteção ao Índio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 OS GUATÓ NO TEMPO E ESPAÇO PANTANEIRO	17
1.1 AS LUZES DA VIDA: HISTÓRIA DE VIDA DE UMA ÍNDIA GUATÓ	17
1.2 CONCEITOS DE TERRITÓRIO	20
1.3 O TERRITÓRIO GUATÓ	21
1.4 MOVIMENTO: (DES)TERRITÓRIALIZAÇÃO E (RE)TERRITÓRIALIZAÇÃO - SAÍDA, CHEGADA E RETORNO DOS ÍNDIOS GUATÓ NA ILHA ÎNSUA	26
1.5 CULTURA.....	28
2 QUEM SÃO OS ÍNDIOS NO MS	30
2.1 POVOS INDÍGENAS NO BRASIL.....	30
2.2 POVOS INDÍGENAS NO MATO GROSSO DO SUL	33
3 O POVO GUATÓ SEGUNDO CRONISTAS E VIAJANTES	39
3.1 RELAÇÃO DO POVO GUATÓ COM O ESPAÇO E O TEMPO	39
3.1.1 <i>Os primeiros contatos com o povo Guató</i>	39
3.1.2 <i>Encontro dos Guató com a Expedição Langsdorff</i>	39
3.1.3 <i>Expedição ao Centro da América do Sul por Francis Castelnau</i>	44
3.2 REGISTROS ETNOLÓGICOS DE MAX SCHMIDT	45
3.2.1 <i>Hábitos Alimentares</i>	46
3.2.2 <i>Preparo dos alimentos</i>	52
3.2.3 <i>Vasilhames Guató</i>	53
3.2.4 <i>Habitações Guató</i>	56
3.2.5 <i>Ornamentos e instrumentos guató</i>	61
3.2.6 <i>Trançado e Tecelagem Guató</i>	70
3.3 CANOA, REMO E A VIOLA DE COCHO	71
3.3.1 <i>Construção da viola de cocho Guató</i>	71
3.3.2 <i>Construção do remo Guató</i>	74
3.3.3 <i>Construção da canoa Guató</i>	74
3.4 O ENCONTRO COM FREDERICO RONDON	78
4 PROCESSO DE REDESCOBERTA DO POVO E RECONQUISTA DE SEU TERRITÓRIO	79
4.1 O PROCESSO DE EXTINÇÃO E A (RE)CONQUISTA GUATÓ	79
4.2 OS ÍNDIOS GUATÓ NO SÉCULO XXI.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
BIBLIOGRAFIA	99
ANEXO	106

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve início a partir de trabalhos realizados na aldeia Uberaba, voltado para a educação, mais específico no Curso de Formação de Professores Indígenas – Povos do Pantanal, realizado pelo Centro Estadual de Formação de Indígenas de Mato Grosso do Sul.

Os trabalhos realizados na comunidade indígena requerem um atendimento diferenciado, pois o curso ofertado também é diferenciado, uma vez que é oferecido aos indígenas em regime de alternância, onde no período de férias (janeiro e julho) os alunos, aqui chamados de cursistas, participam de aulas presenciais e no período em que estão na comunidade (o restante do ano) o professor vai até a comunidade para atendimento.

O fortalecimento desta relação contribuiu para a execução do projeto, embora uma pesquisa deva ser imparcial, tentamos manter a máxima imparcialidade possível, pois, na execução do trabalho houve um aumento gradual do relacionamento

Esta pesquisa trabalha com uma comunidade indígena que vive no Pantanal Sul-Mato-Grossense, bioma considerado pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera, um local de belezas únicas, e ao mesmo tempo tão inóspito para o convívio humano. No entanto o povo indígena guató vive no pantanal há muitos séculos, sendo o primeiro registro feito ainda no século XVI por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, explorador espanhol que passou por lá.

Hoje a comunidade indígena guató, vive na ilha Ínsua, no meio do pantanal sul-mato-grossense, e são os últimos remanescentes índios canoieiros do pantanal. Distante 340 km da cidade mais próxima, Corumbá/MS, com aproximadamente 155 pessoas, dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) em 2011, e uma história de contato com a sociedade envolvente cheia de muitas estratégias para sobreviver no seu território tradicional.

Eles sofreram com a extinção via “caneta”, em meados da década de 1950, em um processo de des-re-territorialização, e ainda uma volta ao começo. Os índios guató sofreram com a expulsão de seu território tradicional e ainda com a “cassação” ao direito de ser índio. Alguns ficaram e outras saíram, mas ambos tiveram que se adaptar a nova realidade.

Sempre próximo das águas, alguns se mudaram para os núcleos urbanos, Corumbá/MS e Cáceres/MT foram os destinos mais utilizados pelos Guató.

Através de uma luta de aproximadamente 40 anos, entre organização e reivindicação, o povo guató conseguiu voltar ao seu território tradicional em novembro de 1994, e ao longo

destes mais de 15 (quinze) anos estão (re) construindo sua relação com a natureza, enfrentando problemas que antes não existia, tendo que se adaptar a nova realidade, encarando também as novas tecnologias, que geram novas necessidades.

Trabalhar com população indígena requer um estudo interdisciplinar, ainda que seja um estudo do relacionamento de uma sociedade e a natureza, que é pura geografia, embora seja preciso buscar embasamento em outras ciências como a antropologia, história, filosofia, sociologia, economia, como afirmou Milton Santos “A geografia tem a ambição de querer reunir tudo – a economia, a cultura, a sociedade, as características físicas de um lugar” (SANTOS 1994), uma vez que muitos objetos de estudo da geografia também são de outras ciências.

Sempre que falamos em trabalho ou pesquisa que envolve populações indígenas, as perguntas são sempre muito parecidas: você fala a língua deles? Eles andam pelados? Vivem do que? São preguiçosos não gostam de trabalhar? São selvagem ou “manso”? Já estão “aculturados”?

Estas perguntas estão impregnadas no senso comum, onde o índio é sempre visto com aquela pessoa com cabelo liso e geralmente seminu, sem pelos no rosto, com arco e flecha e cocar de pena na cabeça.

Ao longo do trabalho perceberemos que no Brasil existem mais de 200 povos indígenas diferentes que falam, enxergam e vivem o mundo diferente dos não-índios, ou seja, “brancos”.

Este trabalho tem como o objetivo geral analisar a situação socioambiental da comunidade indígena da aldeia Uberaba, ilha Ínsua, no município de Corumbá-MS. Através da integração dos resultados obtidos, ou seja, a caracterização dos cenários passado e atual em relação à apropriação do espaço pelos indígenas no pantanal. Afim de que se possa fazer um relatório de registros de ocupação para estudos e pesquisas futuros.

Neste trabalho espera-se que possa colaborar no fortalecimento do relacionamento da comunidade guató com a sociedade envolvente e a natureza, uma vez que as populações indígenas de maneira geral enfrentam muitos conceitos pré estabelecidos. (bugre, preguiçosos, fedido, feio, não existe mais índios...).

Os objetivos específicos para este trabalho são:

- Rever o histórico da comunidade guató, principalmente quanto ao fato de terem ficado alguns anos sendo considerados índios extintos;
- Questionar as relações com a natureza a partir do contato com o não-índio;
- Verificar possíveis mudanças nestas relações após retorno na ilha Ínsua;

- Mapear o território tradicional atual comparando com o antigo;
- Entrevistar todas as famílias da comunidade.

A metodologia levou em consideração os procedimentos de, *André Libault*, em “Os Quatro Níveis da Pesquisa Geográfica” (1971, grifo nosso). Assim, iniciamos os trabalhos com o **nível I Compilatório**, onde foi realizado um levantamento bibliográfico e fichamento de obras que envolveram o povo guató, levamos em consideração os registros de bibliotecas digitais e da biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico, onde foi possível encontrar registro do século XIX.

Este nível está presente nos capítulos III e IV, onde apresentamos as relações que os índios guató tiveram com a sociedade ocidental, espanhóis, portugueses e mais recentemente com a sociedade brasileira.

No **nível II Correlatório**, começamos ponderando os dados correlacionados e suas fidedignidades, em seguida ordenamos os dados temporalmente para facilitar a visualização do relacionamento dos Guató com a natureza.

Já no **Nível III Semântico**, neste nível começa a correlação de como era a relação dos Guató com a natureza e de como está esta relação na atualidade, sendo este o início da parte final da pesquisa.

O **nível IV Normativo**, apresenta os resultados e análises que foram realizadas, é o mapa final, é o mapa de síntese.

Nossa pretensão é de criar um banco de dados, onde poderemos comparar o que mudou nos dois últimos séculos no modo de vida Guató bem como a ocupação e uso do território, pois a trajetória Guató no espaço e tempo foi muito dinâmica passando por várias situações, entrando em contato com várias culturas, que influenciaram no retorno ao território tradicional.

No primeiro capítulo procuramos apresentar os conceitos que norteiam este trabalho: Território, des-re-territorialização, mobilidade e cultura. Fazendo um contra ponto com a comunidade indígena guató.

No segundo capítulo, apresentamos um panorama das populações indígenas no Brasil e em Mato Grosso do Sul.

Já no terceiro capítulo, comparamos a relação que os índios guató do século XVII e XIX, com os atuais moradores da ilha Ínsua.

O quarto capítulo expõe os fatos que ocorreram com os Guató no século XX, principalmente o fato de serem considerados extintos pelo Governo Federal e sua reconquista de território e identidade. E finalizamos com as considerações finais.

1 OS GUATÓ NO TEMPO E ESPAÇO PANTANEIRO

1.1 As luzes da vida: história de vida de uma índia guató

Iniciamos o primeiro capítulo com uma pequena parte da história de Dona Neuzalina Soares Correia da Costa, 52 anos, índia guató que sempre viveu no pantanal.

Para Milton Santos (2008, p 54.) “é na base territorial que tudo acontece”. Podemos verificar como esta relação é construída no relato de dona Neuzalina, nascida e criada na Aldeia Uberaba há 50 anos, juntamente com seus pais José Marino Soares da Costa e Dona Leopoldina Arteaga Mendes. O pai descendente dos *chictanos* da região de Cáceres Mato Grosso nasceu e foi criado no meio do pantanal sul-mato-grossense e a mãe guató.

Dona Neuzalina ao contar um pouco da sua história, relembra momentos da condição da mulher indígena. Na infância, a brincadeira de boneca era mais situada no campo da imaginação, deparando com a realidade.

As brincadeiras repetiam cenas do cotidiano. A boneca feita de um pedaço de pau enrolado no pano, carregada no colo, fazia parte das visitas na casa da comadre, a comadre feliz, recebia a outra com bolinho de barro, que em forma de bolinhos ficava na chapa do fogão à lenha secando, enquanto a dona da casa preparava o almoço, a filha repetia os gestos da mãe.

Segundo Dona Neuzalina ela não teve infância, pois aos dez anos já trabalhava na Fazenda Uberaba e com o dinheiro que recebia comprava perfumes, esmalte, espelho. O batom era terminantemente proibido. Ao comprar estes produtos ou ganhar da patroa, sabia que não poderia usar nem cheiro e nem cor porque na concepção da Dona Leopoldina, menina de família tinha que ser pura, pois quem usava era mulher sem respeito.

No serviço de cozinheira no fogão à lenha, canjiqueira e paratudo, aceso às três horas da manhã, a primeira obrigação era o café, a água puxada à balde, do poço, servia de maior recurso, pois o rio ficava distante e era armazenado nas latas de querosene.

Corria dificuldades para uma menina, mas não reclamava. Todos adoravam a comida e a patroa a tratava com carinho e respeito.

Com a mudança para Fazenda Bela Vista ainda no ofício de cozinheira, guardava escondida todas as mudanças do seu corpo. A primeira menstruação foi acompanhada de muito choro. Calada pelo medo de apanhar. Não entendia o que estava acontecendo, lavava-se

no rio o tempo todo. Permanecia às escondidas com medo, desconfiada que alguém percebesse e pensassem mal.

Aproximar de algum rapaz nem pensar, se pegasse na mão já não era mais moça, brincar com guri é coisa proibida, não presta.

Aos quatorze anos aconteceu o pior, namorei três meses e no quarto já morava junto, estou até hoje com o meu marido Armando Correa da Costa e meus onze filhos. Fiquei com meu marido contrariando a família dele e a minha, depois de oito meses aconteceu à primeira gravidez, me achava bonita, gorda e feliz.

Só então minha avó começou a falar sobre os cuidados que a mulher precisa ter. Pela primeira vez me sentia mulher, antes eu era tratada pior que os meninos. Eles sempre brincavam e nós éramos responsáveis pela casa e pelas roupas.

A lembrança da escola em Corumbá, ao morar um tempo com a madrinha aos sete anos, a escola era só para meninas, os filhos da madrinha estudavam em escola dos padres. A professora só usava saia, havia castigo no sol, ficar de joelho também, eu fiquei de castigo porque chucei minha amiga com lápis.

No segundo ano fui estudar na escola do circo, que ficava em frente ao jardim. O tempo de escola foi curto, ficávamos no jardim depois da aula esperando o expresso que servia de condução. Na parte de baixo da escola ficava o primeiro ano A, B e C. Logo voltei para a aldeia Uberabá, por causa de uma irmã que não deu certo com a sua madrinha, enquanto eu era tratada como filha, minha madrinha até me pegava no colo.

Ao ficar maior comecei a buscar trabalho e pensava em parar e seguir o conselho da madrinha, eu também queria ser alguém na vida, para ser alguém na vida somente o estudo ajudaria, ao contrario teria que ir logo preparando as roupas de cama, o enxoval.

Eu não tinha nada, somente a roupa do corpo, a mulher preparada borda, costura, cozinha, cuida de casa, dos filhos e do marido. Ao homem a obrigação era o sustento, mas a administração era sempre da “patroa”. A roupa do corpo que não servia mais virava retalho para colcha, a roupa dos filhos maiores guardava limpinha para o próximo.

No parto quem cuidava da mãe e do neném era a parteira, um tempo antes dando os conselhos, como não pular rolator de cavalo, rastro de cobra e nem arame, porque atrapalha na hora do neném nascer.

No sétimo mês começa com banho morno da cintura para baixo, a cabeça uma vez por semana em horário de sol forte para não resfriar o neném.

Quando chegava a hora do parto a felicidade era seguida pelo medo, no momento em que estava “puxando”, a parteira preparava um chá bem quente e amargo de sabuginho com casca de cágado queimado para dar força.

A minha avó, que era parteira, preparava um banquinho que ficava encostado na parede para apoiar as “cadeiras” da mãe, a coluna, sentava bem na pontinha do banquinho abria bem as pernas, a parte de cima do corpo encostado na parede, as mãos seguravam a corda fortemente, a corda passada no esteio do teto na direção exata das mãos para não desviar a coluna do lugar. Quando tinha uma companheira que ajudava a parteira, era ela quem abraçava a mãe pelas costas apoiando-a e ajudando com seus braços.

A força ia de uma vez só. Quando a dor maior chegava, a respiração apertada contraia o abdômen, a mulher forte não fazia escândalo.

Após o parto vinha o copo de salmoura para fazer a limpeza por dentro, mesmo forte no sal o gosto estava ainda misturado com a sede, a parteira reanima a mãe puxando as juntas dos dedos das mãos e dos pés dizendo que é pra não encolher os nervos, os chumaços dos cabelos também eram puxados aos poucos, é na cabeça que fica a dor mais forte, se a mãe não for tratada.

Fazia tudo em silêncio, à vela acesa antes de colocar os preparativos no quarto, a chaleira estava no fogo com água quente, para lavar as mãos da parteira e receber o pano que umedecido limparia a mãe, o silêncio respeitado por todos era dedicado a Nossa Senhora do Bom Parto que acompanhava do início ao fim o parto.

O ritual de animação e o silêncio consistiam nos tratos com a mãe primeiro, em seguida a vez do neném, depois da mãe atendida à criança, aguardava coberto com um paninho ao lado da mãe, a única coisa feita logo em seguida que saía do ventre, era feita a limpeza dos olhinhos, a boca recebia um pano fino em todos os lados internos para que não engolisse a água do parto.

Com o gesto seguro de quem sabe o que faz, a boca tocada reagia com forte choro, o neném chorando significava a força e saúde.

Após os cuidados com a mãe que ainda ouvia o choro do neném, tal choro que servia de música que trazia a serenidade a todos no local. Assim recomeçava a vida no pantanal.

Uma pequena parte da história da vida de dona Neuzalina, ocupou um lugar no espaço e no tempo, assim como tudo o que conhecemos, no entanto as ações e relações que ela desempenhou no território onde ela construiu sua vida estão entrelaçadas numa dimensão simbólica de apropriação.

1.2 Conceitos de território

O conceito de território tem sido discutido e desenvolvido por meio de diferentes abordagens onde cada autor vai definir sua linha de pesquisa conforme seus métodos e concepções de interpretação da realidade.

Mesmo o território sendo um conceito chave da Geografia, o mesmo não é exclusivo da Geografia, sendo comumente empregado por outras ciências, o que o torna um conceito polissêmico.

O território é fruto de sua história que se manifesta no presente, portanto, um espaço dotado de heranças, sobre as formas das estruturas, da cultura e das relações sociais, apresentando-se como uma condição herdada.

O território guarda o passado dos agir hegemônicos e dos conflitos sociais, das lutas de classe e do fazer cotidiano. As lutas sociais que se desenvolvem nesse espaço possibilitam o fechamento de uma região a qual será delimitada fisicamente.

A concepção mais comum de território (na ciência geográfica) é a de uma divisão administrativa. Através de relações de poder, são criadas fronteiras entre países, regiões, estados, municípios, bairros e até mesmo áreas de influência de um determinado grupo. Para Friedrich Ratzel, o território representa uma porção do espaço terrestre identificada pela posse, sendo uma área de domínio de uma comunidade ou Estado.

Portanto, o território não se restringe somente às fronteiras entre diferentes países, sendo caracterizado pela ideia de posse, domínio e poder, correspondendo ao espaço geográfico socializado, apropriado para os seus habitantes, independentemente da extensão territorial.

O território com sua amplitude de conceitos que abrange as mais diversas áreas do conhecimento bem como ciências, Haesbaert destaca algumas interpretações:

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”; a Antropologia destaca suas dimensões simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da

identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAESBAERT, 2010, p.37).

Mesmo na geografia existem divisões sobre o conceito de Território, pois a geografia em suas diversas áreas de atuação (política, econômica, ambiental e espacial), torna o tema mais complexo. Uma vez que os profissionais destas áreas também se apropriam do conceito de território.

1.3 O Território Guató

Oficialmente existem duas terras indígenas Guató no Brasil, a primeira no estado de Mato Grosso do Sul, município de Corumbá, denominada Aldeia Uberaba com 10.984 hectares, e a segunda no Estado de Mato Grosso no município de Barão de Melgaço denominada Baía dos Guató com uma área de 19.164 hectares, ambas com processos de reconhecimento e homologação pelo Governo Federal bem distinto.

Podemos perceber que o território dos Guató passa pela concretização do espaço ou a apropriação do mesmo. Através de uma análise espaço-temporal podemos visualizar esta evolução. Ainda que o conceito de território tenha influência em várias áreas do conhecimento, levando em consideração o conceito de território de Raffestin:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Esse trabalho está direcionado para os nativos da Aldeia Uberaba, também conhecida com ilha Ínsua ou Bela Vista do Norte, como podemos ver no mapa abaixo, os indígenas da aldeia Uberaba moram em uma ilha, a qual divide parte do território com o Exército Brasileiro.

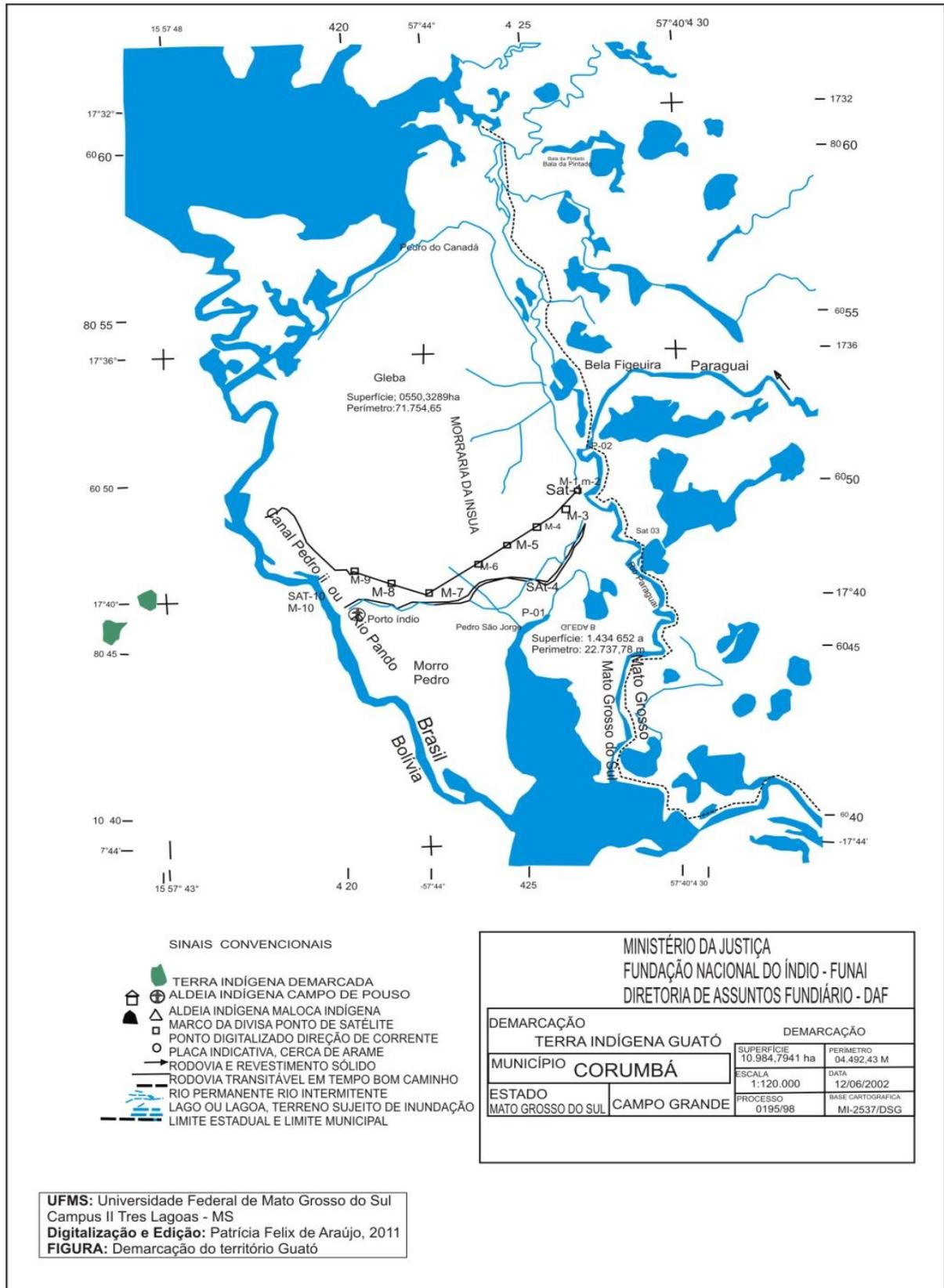


Figura 1: Mapa político/administrativo, Ilha Ínsua: terra indígena dos guató de MS. FUNAI/2002.

Os índios guató, desde que se têm notícias pelos viajantes, cronistas e exploradores que passaram por aqui, sempre habitaram as regiões alagadas do Pantanal, tanto no Brasil como no Chaco Boliviano.

HAESBAERT, 2004 p. 40. (*grifo nosso*), dá um enfoque mais acentuado para o conceito de território, nas questões **política**: onde o mesmo é visto como um espaço delimitado e controlado sobre o qual existe uma relação de poder; **Econômico**: que destaca a desterritorialização em sua perspectiva material, como produto espacial do embate entre classes sociais e da relação capital-trabalho; e **cultural ou Simbólico-cultural**: que prioriza dimensões simbólicas e mais subjetivas, o território visto fundamentalmente como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço.

Por estarmos trabalhando com uma população indígena, o conceito de território mais enfatizado é justamente o de cunho cultural, pois a relação simbólica e mística que se envolvem os grupos tradicionais devem ter um olhar diferenciado. Ainda que tenhamos conceitos políticos e administrativos de território para questões indígenas.

Como já vimos o conceito de território por si só é complexo. Podemos encontrar várias definições e usos para o mesmo, uma vez que são utilizados nas mais variadas ciências e seus respectivos cientistas: antropólogos, economistas, urbanistas, ambientalistas entre outros.

Para os povos indígenas não é diferente, pois a noção que o mesmo tem de território é diferente do conceito que o Estado impõe para estes.

Para os povos indígenas, terra é bem mais que um determinado espaço geográfico, a terra representa a base da vida social e esta ligada a rituais, crenças e conhecimentos tradicionais.

Sendo assim terra indígena “Trata-se do processo político-jurídico conduzido sob a égide do Estado, o qual gera no final a figura conhecida como “terra indígena” (TI), um espaço físico, pertencente à união e de usufruto dos povos indígenas.” (AGUILERA URQUIZA; VARGAS, 2010 p. 33) e Território indígena:

Remete à construção e à vivência, culturalmente variável, da relação entre uma sociedade indígena específica e sua base territorial. Diz respeito ao espaço físico, mas vai muito além deste, envolvendo elementos míticos, simbólicos, religiosos, subsistência, entre outros, centrais às concepções culturais e cosmológicas próprias destes povos. (Ibidem, p 33).

Neste sentido a noção de território para os indígenas refere-se não apenas ao espaço físico, mas a concepções cosmológicas de cada sociedade indígena.

Para o Estado a definição de terras indígenas esta definido na Constituição Federal de 1988, esta se tornou um marco para as questões indígenas no Brasil, pois trouxe vários artigos relacionados à situação dos índios brasileiros, entre outros a definição de terras indígenas:

São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, artigo 231, parágrafo 1).

O território é a concretização do espaço, as pessoas são frutos do seu entorno e seu território, podemos identificar esses conceitos na vida do povo guató, pois estes tinham a influência de seu território tradicional na organização social de sua aldeia, uma vez que, o mesmo não possuía uma aldeia indígena “tradicional”, pois, eram considerados nômades, estabeleciam em famílias nucleares, de forma que podemos considerar que cada família era uma aldeia, e tudo que precisavam para viver estavam em suas canoas (esteira, fogão, casa).

Os nativos tem umas canoas aparelhadas para essa época. São muito grandes e no meio delas fazem um fogão de barro. Depois de feito o fogão, o índio se mete ali com sua mulher e filhos, podendo, com a cheia, ir para qualquer parte. O fogão serve para cozinhar os alimentos e para aquecê-los. Assim passam quatro meses do ano, que é o período em que dura a cheia. Porém, mesmo com a cheia eles saltam à terra nas partes mais altas para caçar antas e veados que fogem da água. (CABEZA DE VACA, 2007, p. 174).

Como os índios guató estavam intimamente relacionados com o ambiente pantanal e seus períodos regulares de seca e cheia, os indígenas tinham uma mobilidade muito grande no pantanal, uma vez que a ocupação do território pantaneiro e sua adaptação têm vestígios de mais ou menos 800 anos, embora ainda sejam necessários mais estudos segundo Eremites de Oliveira (1995).

Por ser uma comunidade que teve como território tradicional o Pantanal, como podemos ver no mapa abaixo feito por Schmidt, em 1942, que a característica do seu território contribuiu na formação de excelentes índios canoeiros que são.

Ainda hoje “confinados” em um pequeno território, a Ilha Ínsua (10.984 hectares), podemos perceber que nem o tempo conseguiu que o índio guató esquecesse seu modo de ser índio canoeiro, não perderam a prática da canoa, sendo possível ainda hoje perceber como realmente esta modo de ser índio canoeiro do pantanal estão no seu *habitus*.

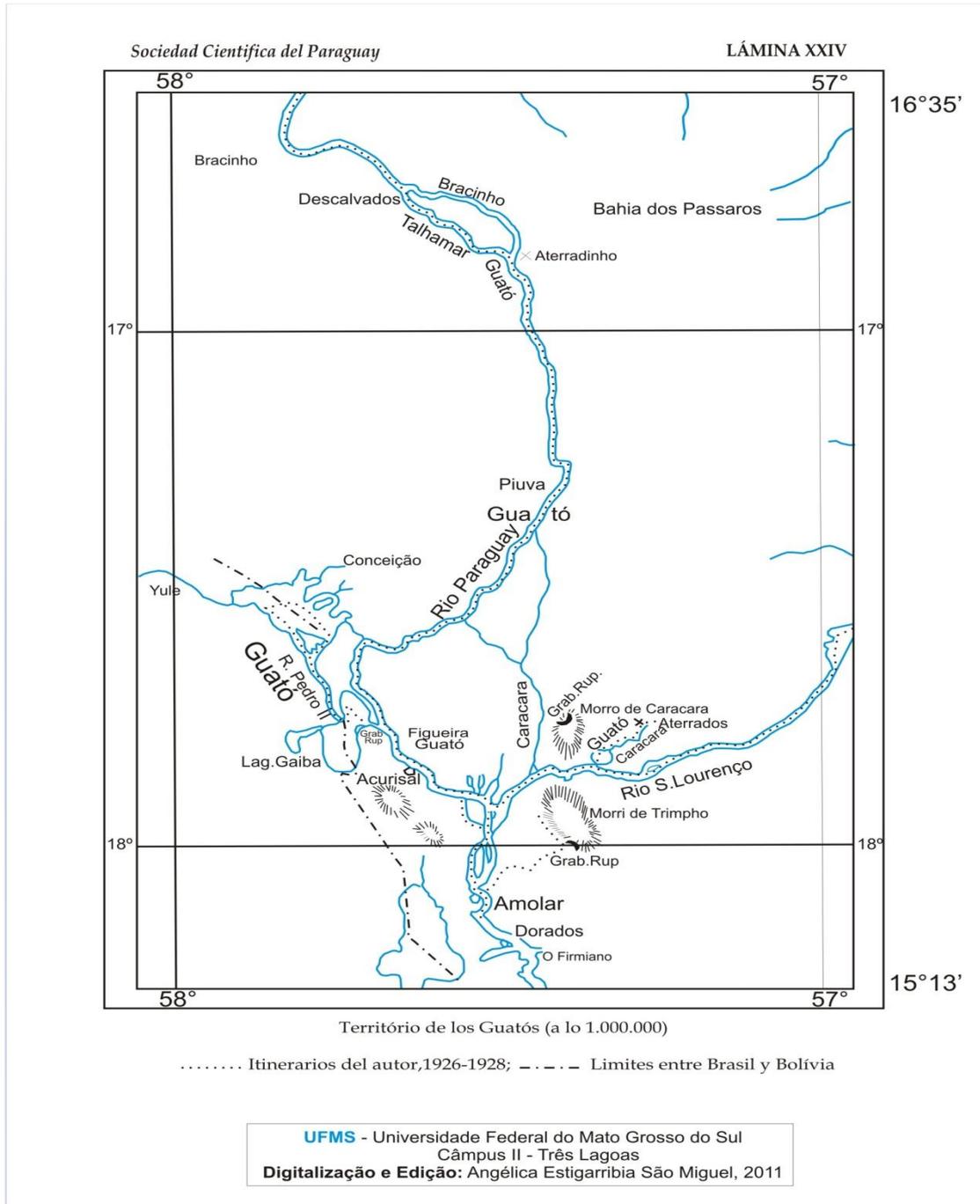


Figura 2: Mapa do Território Tradicional dos Guató (Schmidt, 1942).

A comunidade Guató se organizava socialmente em famílias autônomas, umas com relação às outras, e em cada família a maior autoridade e liderança era a figura do pai, e não em aldeamento tradicionalmente conhecido.

Eram considerados “mansos” mais arredios ao contato do “branco”, esses fatos ou podemos considerar como estratégias, contribuíram para que os Guató conseguissem sobreviver em meio a tantas tragédias que tiveram que enfrentar ao longo do contato com os povos de além mar. (Guerra do Paraguai, Doenças, expansão de áreas destinadas à pecuária).

1.4 Movimento: (Des)territorialização e (Re)territorialização - Saída, chegada e retorno dos índios Guató na ilha Ínsua

Muito discutido na geografia, o “movimento”, que também influenciou Milton Santos a ingressar na geografia¹, aparece de várias maneiras como objeto de estudo da geografia, o primeiro contato no ensino fundamental, está na forma de migração e suas diversas formas: emigração, imigração, êxodo rural e êxodo urbano.

Sempre levando em consideração que estas relações trazem consigo outras relações e modo diferentes de ver o mundo, e muitas vezes transformando ou se adaptando os novos territórios, ampliando assim o conceito de movimento e o tornando cada vez mais complexo, poderíamos dizer que o movimento é o ponto de partida para a desterritorialização e reterritorialização bem com a própria territorialidade e a territorialização.

O movimento aqui expressa a mobilidade do ser humano, que ao longo da história sempre se movimentou em busca de um “porto seguro”, ora atrás de alimento, ora atrás de um abrigo seguro, ora expulso, e novamente a procura de sua terra prometida.

O fato é que pelos mais variados motivos as pessoas migram, e quando isso acontece não é somente a parte física, o corpo, que muda, mas também há uma carga enorme de “coisas” que estão impregnados no íntimo de cada ser e ou grupo social, seja no jeito de andar, falar, comer, agradecer, trabalhar, etc...

Quando pensamos na da mobilidade do povo guató, da ilha Ínsua, todas estas questões entraram em debate, pois um povo que é expulso de seu território tradicional e tem que se adaptar em outro lugar para poder se (re) organizar e reivindicar o antigo território, e quando finalmente retorna, não é somente o corpo, parte física, que volta, mas uma enorme carga invisível que acompanha cada indivíduo.

É bom não confundirmos mobilidade com nômade, segundo a fonte Dicionário Michaelis Mobilidade é: s. f. 1. Propriedade do que é móvel ou do que obedece às leis do movimento. 2. Sociologia. Deslocamento de indivíduos, grupos ou elementos culturais no espaço social. 3. Movimento comunicado por uma força qualquer. 4. Falta de estabilidade, de firmeza; inconstância.

¹ Documentário “Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá”. 2007.

E nômade é: Diz-se das tribos e raças humanas que não têm sede fixa e vagueiam errantes e sem cultura. S. m. O que não tem residência fixa; vagabundo. S. m. pl. Povos pastores sem residência fixa.

Expomos este conceito, pois no censo comum é sempre dito que os povos indígenas eram nômades, não sendo verdade, pois eles tinham uma mobilidade e vínculo intenso com o seu território, apropriavam-se do território das mais diversas maneiras, na busca por alimentos, seja plantando no sistema de coivara, seja na busca de frutos de estação ou na busca pela caça ou pesca.

Estes vínculos estão relacionados numa dimensão simbólica do território, onde é cada vez mais difícil mensurar o que é material e o que é imaterial nesta relação, uma vez que o conhecimento e a utilização do território trazem segurança na busca de alimento e abrigo.

Haesbaert cita DELEUZE e GUATTARI, 2010, p 127, onde “afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, [é a operação da linha de fuga], e a reterritorialização é o movimento de construção do Território”. Embora pareça simples dizer que o movimento pelo qual se abandona o território é a desterritorialização, este ato é carregado de relações que devem ser levadas em consideração, pois os motivos que levam ao abandono do território são muito amplos.

O caso dos índios guató, se perguntarem para qualquer um deles por que abandonou o seu território? Vamos descobrir que eles nunca saíram, embora tenham sido considerados extintos e sem território indígena, muitas famílias não saíram da ilha, continuaram vivendo como clandestinos em seu próprio quintal.

O abandono de um território se dá por fatores: políticos, econômico, religiosos, forças da natureza, por motivos pessoais e guerra, por vezes de comum acordo ou não.

Quem sai de um lugar, vai chegar a outro, parece simples quando se deixa o seu local de domínio, o seu território, é preciso começar tudo de novo ou construir um novo território.

Os índios guató enfrentaram sua desterritorialização, no momento em que foram considerados extintos, em meados da década de 1950, onde os órgãos governamentais exterminaram a sua existência, sem ao menos uma pesquisa no campo para confirmar.

Sem o direito de serem considerados índios, algumas famílias espalharam-se pantanal afora, morando nas barrancas dos rios Paraguai e São Lourenço, sendo por muitas vezes considerados ribeirinhos. Também fixaram residências nas cidades que estão no seu entorno, principalmente em Cáceres e Corumbá.

Apenas 06 (seis) famílias continuaram morando na ilha Ínsua, com o consentimento ora de militares do destacamento, ora pelo fazendeiro que ali ocupavam parte de ilha, sempre numa política de favores e sujeição.

Para sobreviver fora de seu território tradicional, os guató, tiveram que se adaptar aos novos territórios, tendo que se submeterem aos mais diversos tipos de serviços, não demorando muito tempo para os coureiros e contrabandistas encontrarem pessoas guató disponível para este tipo de trabalho, devido a sua grande habilidade no ambiente pantaneiro.

Após vários anos lutando e reivindicando a ilha Ínsua, como Terra Indígena Guató, em novembro de 1994, os Guató, (re) conquistaram oficialmente parte da ilha Ínsua, retornando ao seu território tradicional depois de várias décadas.

O processo em que os indígenas guató passaram, sair de seu território tradicional, chegar a um novo território, organizar e reivindicar o retorno onde tudo teve início há uma intensa “troca” de cultura, pois ao retornar à Terra Guató, esta carga invisível aparece no território. “A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando outros” (HAESBAERT, 2010, p 138).

1.5 Cultura

As teorias que consideram a cultura como um sistema adaptativo. Neste sentido culturas são padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas ao seu modo de vida (tecnologias, modo de organização econômica, padrões de agrupamento social, organização política, crenças, práticas religiosas, etc.).

Entre as abordagens elaboradas é possível considerar cultura como sistema cognitivo: um sistema de conhecimento, que consiste de tudo aquilo que alguém tem de conhecer ou acreditar para operar de maneira aceitável dentro da sociedade.

Para Geertz (1978: 15) o conceito de cultura é essencialmente semiótico, que vem ao encontro com o pensamento de Max Weber "que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu". Geertz concebe a cultura como uma "teia de significados" que o homem tece ao seu redor e que o amarra. Busca-se apreender os seus significados (sua densidade simbólica).

Ou seja, "um sistema simbólico que é a criação acumulativa da mente humana. Assim cultura é uma lente através da qual o homem vê o mundo - pessoas de culturas diferentes usam lentes diferentes e, portanto, têm visões distintas das coisas.

Por muitas vezes acabamos entendendo o nosso modo de ver e viver as coisas como sendo “natural”, “humano”, correto e civilizado. Com isso, as pessoas que não comungam da mesma cultura (do mesmo grupo social, sociedade), demonstram-se aos nossos olhos como sendo menos humana, mais primitivas (não civilizada), estranhas e exóticas.

Este ato é chamado pela antropologia de etnocentrismo, Silva, define como: “É a tendência de tomar a própria cultura (significados, valores e regras), como padrão julgar todas as outras”. (SILVA, 1988, p.8).

Como podemos verificar o conceito de cultural também é polissêmico, é provável que seja o conceito mais polissêmico, pois cada sociedade tem um modo de ver e viver o mundo. Se analisarmos o registro da história humana, no espaço e no tempo, veremos as diferentes categorias culturais de cada sociedade, seja agrícola, caçadora, conquistadora.

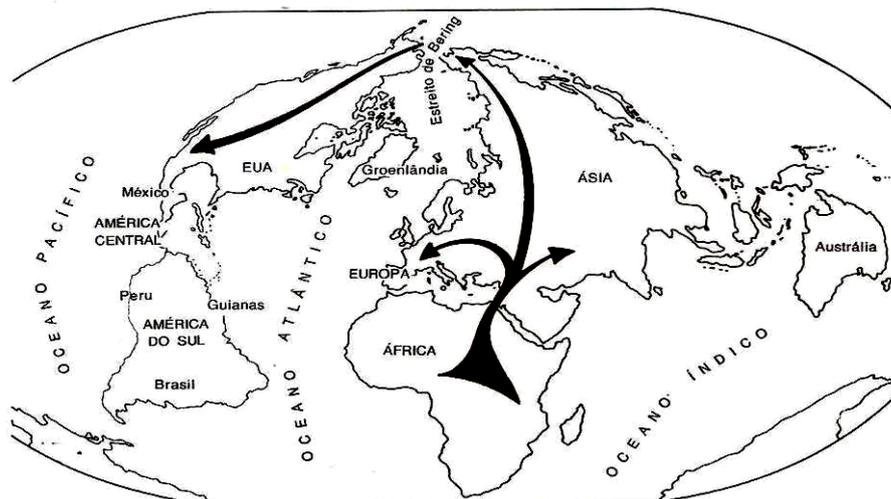
Com a necessidade de sobreviver, o homem modificou a natureza para atender as suas necessidades, descobrindo e utilizando os materiais que ela “oferece”, isto desde os primórdios do *homem sapiens*, assim esta relação com a natureza produz cultura há muito tempo, “... na medida em que, ao transformar a natureza o ser humano transforma a si mesmo, em outras palavras, o ser humano faz a cultura e de certa forma, também é feito por ela.” (AGUILERA, 2010, p 9).

2 QUEM SÃO OS ÍNDIOS NO MS

2.1 Povos indígenas no Brasil

Sempre que falamos sobre questões referentes aos povos indígenas presentes no Brasil, o senso comum nos faz pensar que todos os indígenas no Brasil são iguais, e ainda nos remete à imagem do indivíduo seminudo de cabelos lisos e pele morena com cocar de penas coloridas na cabeça e arco e flecha nas mãos. Pois para responder esta questão é preciso compreender que existe hoje no Brasil, em pleno século XXI, uma diversidade de povos, com características e costumes bem distintos no que tange os sistemas sociais, econômicos, línguas, culturas e crenças, que diferem dos padrões culturais da sociedade não-indígena.

Os primeiros registros que se tem de ocupação do Continente Americano, datam de aproximadamente entre 10 a 12 mil anos atrás. Povos de origem asiática passaram pelo Estreito de Bering nesta época seguindo para o sul, a procura de terra mais apropriada para sua sobrevivência.



Os grupos que chegaram à América não vieram por um só caminho, mas a maior parte atravessou o estreito de Bering.

Figura 3: Mapa de ocupação do continente americano (PREZIA; HOORNAERT, 2000, p. 23)

Existem várias teorias para a ocupação do continente americano e a travessia do Estreito de Bering é a mais divulgada. No entanto estamos falando de uma ciência não exata o

que sugere trabalhar com várias hipóteses, e assim criar muitas teorias a partir do que é encontrado.

Quando falamos do descobrimento do Brasil, a ideia é que não havia ninguém habitando aqui, melhor dizendo, desconheciam ou não queriam acreditar que havia a presença de populações nativas aqui, então começaram a contar a história dessas populações a partir do “descobrimento” com uma visão européia e etnocêntrica. Alguns escritores chegam a narrar a Carta de Caminha, como o registro de nascimento do Brasil.

Quando os europeus chegaram ao Brasil em 1.500, estima-se demograficamente que a população indígena que habitava o território brasileiro era de 3 a 5 milhões de habitantes, “Calcula-se que na Amazônia viviam nada menos que 3,7 milhões de pessoas e no resto do Brasil 1,3 milhões, o que perfaz um total de 5 milhões de pessoas.” (PREZIA; HOORNAERT, 2000, p. 71).

Estes números diferem muito de autor para autor, sendo encontrado em algumas obras até 10 milhões de habitante. Porém, mesmo sendo 03(três) milhões de pessoas, era um número muito expressivo para época, uma vez que Portugal possuía pouco mais de 1 milhão de habitantes.

Não se sabe ao certo quantas nações havia nas Américas no final do século 16, mas eram certamente mais de 3.000. Na região que hoje é o Brasil, havia centenas de nações, algumas aparentadas entre si, falando a mesma língua ou línguas parecidas, como os Tupinambá, os Tupinikim, os Potiguara, cujas línguas pertenciam ao tronco tupi. (PREZIA; HOORNAERT, 2000, p. 32).

Hoje, segundo dados do Censo 2010 são mais de 800 mil indígenas, cerca de 0,4% da população brasileira, vivendo espalhados por quase todos os Estados do Brasil, apenas Rio Grande do Norte e Piauí, não registram oficialmente a presença de povos indígena.

Eles estão distribuídos entre 683 Terras Indígenas e algumas áreas urbanas. Há também 77 referências de grupos indígenas não-contatados, das quais 30 foram confirmadas. Existem ainda grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista. (FUNAI, 2011).

Estima-se que se falassem mais de 1200 línguas diferentes, FUNAI/2011 (Fundação Nacional do Índio), entre os povos aqui existentes na época do descobrimento do Brasil, no entanto hoje esse número está reduzido a apenas 180 línguas, sendo que várias possuem menos de 10 falantes.

Atualmente existem quase três centenas de diferentes povos indígenas no Brasil 283, que falam 180 línguas distintas, vivem em 683 terras indígenas descontínuas, totalizando 12,54% do territorial nacional. Apesar da ampla distribuição, mais de 60% da população indígena está concentrada na região da Amazônia Legal.

Os povos indígenas no Brasil	
População indígena	495.267
Etnias Indígenas	283
Terras Indígenas	683
Aldeias Indígenas	4.067
Línguas Indígenas	180

Tabela 1: Povo indígenas no Brasil.
Fonte: FUNASA/2011

Uma questão que é sempre muito difícil quando se fala em populações indígenas é o número exato da população total, pois, existem vários critérios para esta contagem, a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde), conta somente os indígenas que estão nas aldeias, o Censo de 2010 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) levou em consideração a autodenominação para a contagem das pessoas indígenas, com isso o número de indígenas segundo o IBGE é de 817 mil indígenas.

Ao longo dos séculos na história do Brasil os povos indígenas sempre estiveram presentes, ora como selvagem que precisavam ser domesticados e empregados como escravos, ora como bom selvagem que precisavam ser evangelizados e passaram a ser cristãos e desta maneira não mais sendo considerados escravos, assim após serem batizados passavam a possuir alma.

A presença indígena na historiografia brasileira está presente na literatura através das obras de Gonçalves Dias, I-Juca Pirama e talvez as mais conhecidas sejam os romances de José de Alencar: Iracema, O Guarani e Ubirajara. Todos destacam o aspecto heróico e valentio dos indígenas, que através de seus conhecimentos da natureza são vistos pelos personagens, não indígenas, e os próprios leitores como seres quase mitológicos, que vivem em perfeita harmonia com a natureza e dela extraem tudo que necessitam para viver.

Não é muito difícil encontrar relatos da presença indígena no Brasil como empecilho ao desenvolvimento da nação. Poderíamos apresentar vários massacres praticados pelos bandeirantes e pelas frentes de expansão das fronteiras agropastoris.

Ao longo dos 500 anos de “descoberta”, podemos listar inúmeras revoltas e guerras registradas: Massacre de milhares de índios Tupiniquim na repressão comandada por Mem de Sá em Ilhéus/BA em 1560; Índios Tamoio e seus aliados franceses foram derrotados na Baía

de Guanabara, 1567; Bandeirantes paulistas atacaram as missões jesuíticas do Itatim em 1632; Índios Guarani derrotam bandeirantes na Batalha de M^oBororé, 1641; Bandeirantes exterminaram a população indígena do rio das Velhas, 1701; Para implementação do Tratado de Madrid, portugueses e espanhóis atacaram os Sete Povos das Missões, 1754-1756, (OLIVEIRA, FREIRE, 2006, p. 209-213), estes são alguns exemplos.

Mesmo com tantas guerras e revoltas, nos dias atuais, basta uma conversa com uma pessoa mais idosa para que ela narre uma história de ataques e massacres aos índios.

Em 1910 o Governo cria o SPILTN (Serviço de Proteção ao Índio e localização de trabalhadores Nacionais), que mais tarde se tornaria apenas SPI (Serviço de Proteção ao Índio). Começa então uma política para atender as populações indígenas no Brasil, na qual os territórios ocupados começaram a ser oficializados como terras indígenas. Criam-se então as reservas e aldeias nas formas que hoje conhecemos, e como consequência surge os conflitos por terras.

2.2 Povos indígenas no Mato Grosso do Sul

Em Mato Grosso do Sul está concentrada a segunda maior população indígena do Brasil, com mais de 70 mil indígenas, presente em 29 dos seus 78 municípios, com uma diversidade demográfica muito grande e de múltiplos *ethos* culturais.

Nesta particularidade cultural, temos no estado de Mato Grosso do Sul 08 (oito) etnias distintas com reconhecimento da FUNAI (Fundação Nacional do Índio): Atikum, Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva (normalmente chamado apenas de guarani), Guató, Kadiwéu, Kinikinau, Ofayé e Terena.

Embora existam também outras etnias em nosso estado, como Kambá, Chama-coco, Achureu e se procurarmos encontraremos mais algumas famílias de outras etnias, elas não possuem terras indígenas reconhecida pelo Estado.

Ainda que as etnias Atikum e Kinikinau não possuam Terras oficialmente reconhecidas pelo Estado ou estarem co-habitando terras de outros povos, os mesmos estão em processo para o reconhecimento de terra tradicionalmente ocupado por ancestrais indígenas. O povo Atikum não tem a sua origem nesta região, mas se encontra vivendo em terra indígena terena, e os mesmos estão em um processo de reivindicação por terras.

Dentre as etnias que compõe o cenário multicultural de MS, podemos destacar os Guarani (Kaiowa e Nhandeva) e os Terena, por ter um contingente populacional com mais de 68 mil pessoas, com grande expressividade no Estado e no país.

TABELA DE POPULAÇÃO INDÍGENA POR MUNICÍPIO E ALDEIA DE MS			
Municípios	Aldeias	Etnias	População
Amambaí	Amambai	Guarani	7235
Amambaí	Jaguari	Guarani	330
Amambaí	Limão Verde	Guarani	1241
Anastácio	Aldeinha	Terena	464
Antonio João	Campestre	Guarani	498
Antonio João	Cerro Marangatu	Guarani	556
Aquidauana	Água Branca	Terena	748
Aquidauana	Bananal	Terena	1222
Aquidauana	Colônia Nova	Terena	212
Aquidauana	Córrego Seco	Terena	184
Aquidauana	Imbirussú	Terena	209
Aquidauana	Lagoinha	Terena	676
Aquidauana	Limão Verde	Terena	1306
Aquidauana	Morrinhos	Terena	304
Aquidauana	Ypegue	Terena	1041
Aral Moreira	Guassuty	Kaiowa	544
Bela Vista	Pirakuá	Kaiowa	477
Brasilândia	Ofaié	Ofayé/kaiowa	105
Caarapó	Tey Kue	Kaiowa	4658
Caarapó	Guira-Roka	Kaiowa	94
Campo Grande	Água Bonita	*	0
Campo Grande	Marçal de Souza	*	0
Cel. Sapucaia	Taquapery	Kaiowa	3038
Corumbá	Uberaba	Guató	155
Dois Irmãos do Buriti	Água Azul	Terena	275
Dois Irmãos do Buriti	Barrerinho	Terena	120
Dois Irmãos do Buriti	Buriti	Terena	853
Dois Irmãos do Buriti	Olho D'água	Terena	197
Dois Irmãos do Buriti	Recanto	Terena	209
Douradina	Panambi	Kaiowa	878
Dourados	Bororó	Guarani/Kaiowa/	5697
Dourados	Jaguapirú	Guarani/Kaiowa/ Terena	5886
Dourados	Panambizinho	Kaiowa	325

Dourados	Porto Cambira	Kaiowa	89
Eldorado	Cerrito	Kaiowa	479
Guia Lopes da Laguna	Cerro Y	Kaiowa	131
Japorã	Acampamento Yvy Katu	Guarani	258
Japorã	Porto Lindo	Guarani	3798
Juti	Jarará	Kaiowa	270
Juti	Taquara	Kaiowa	265
Laguna Caarapã	Guaimbé	Guarani	454
Laguna Caarapã	Rancho Jacaré	Guarani	429
Maracaju	Sucuri	Kaiowa	247
Miranda	Argola	Terena	609
Miranda	Babaçu	Terena	637
Miranda	Cachoeirinha	Terena	1506
Miranda	Lagoinha	Terena	271
Miranda	Lalima	Terena	1419
Miranda	Mãe Terra	Terena	180
Miranda	Moreira	Terena	1075
Miranda	Oliveira	Terena	133
Miranda	Passarinho	Terena	1113
Nioaque	Água Branca	Terena	306
Nioaque	Brejão	Atikum/Terena	524
Nioaque	Cabeceira	Terena	326
Nioaque	Morrinho	Terena	323
Nioaque	Taboquinha	Terena	318
Paranhos	Sete Cerros	Guarani	484
Paranhos	Arroio Corá	Guarani	610
Paranhos	Paraguassú	Guarani	648
Paranhos	Pirajuí	Guarani	2132
Paranhos	Potrero-Guassú	Guarani	662
Ponta Porã	Kokue-Y	Guarani/Kaiowa	156
Ponta Porã	Lima Campo	Guarani/Kaiowa	251
Porto Murinho	Alves de Barros	Kadiwéu	849
Porto Murinho	Barro Preto	Kadiwéu	51
Porto Murinho	Campina	Kadiwéu	108
Porto Murinho	Córrego de ouro	Kadiwéu	33
Porto Murinho	São João	Kadiwéu/Kinikinau/ Terena	401
Porto Murinho	Tomásia	Kadiwéu	260
Rochedo	Bálsamo	Terena	69
Sete Quedas	Acampamento Sombreiro	Guarani/Kaiowa	225
Sidrolândia	Córrego do Meio	Terena	495

Sidrolândia	Lagoinha	Terena	134
Sidrolândia	Tereré	Terena	688
Tacuru	Jaguapiré	Guarani/Kaiowa	1071
Tacuru	Sassoró	Guarani/Kaiowa	2334
	Acampamentos	*	207
	Urbanizado	*	3065
Total	-		69830

Tabela 2: Tabela de população indígena por município e aldeia de MS.

Fonte: FUNASA/2012.

*Varias etnias residem nesta localidade.

Atualmente estão mapeados 31 acampamentos indígenas Guarani/Kaiowá, todos localizados no cone-sul do Estado. Dentre os quais destacamos os mais noticiados ultimamente: *Apykay, Guyra Kambi, Itay, Guayviri, Laranjeira Nhanderu, Kurusu Amba e Ypoí.*

Ao compararmos a tabela 3, mapa real das terras indígenas em 1993, com a tabela 4, mapa real das terras indígenas em 2012, pode se verificar uma discrepância na totalidade de indígenas que vivem no Estado, esses números revelam modelos de contagem diferentes, pois as organizações governamentais que tratam de questões indígenas utilizam métodos diversos.

A FUNASA conta apenas os indígenas que estão nas aldeias, a qual oferece assistência; já a FUNAI utiliza a contagem feita pelo censo 2010, onde o IBGE utilizou o método de auto declaração, para contar as pessoas indígenas no Brasil.

Mapa real das terras indígenas em 1993	
Estado de Mato Grosso do Sul	
Área em hectares	35.054.800
Terras indígenas	616.812 ha (1,7596% das terras do Estado)
Terras efetivamente ocupadas por índios	50.556 ha (0,1442% das terras do Estado e 8,1963% do total das terras indígenas.
População do Estado	1.778.484 (IBGE 1991)
População indígena	51.208 (CIMI/MS e FUNAI 1993)
População indígena aldeada	42.472
População indígena desaldeada	8.736

Tabela 3: Mapa real das terras indígenas em 1993. (MANGOLIM, 1993 p 58).

Os dados da tabela 3 coletado por Mangolim em 1993, 5 anos após a promulgação da CONSTITUIÇÃO de 1988, que diz no seu Art. 67. *A União concluirá a demarcação das terras indígenas no prazo de cinco anos a partir da promulgação da Constituição*, expressa uma realidade que, conforme a tabela 4 abaixo, não mudou muito nos mais de 20 anos após a sua promulgação.

Mesmo com uma política de integração imposta aos povos indígenas, no período de Ditadura Militar, e principalmente uma política que visava à exterminação de todos os povos, via integração, e com a certeza de que os povos indígenas não chegariam ao ano 2000. Os povos Indígenas conseguiram “sobreviver”, organizar-se e reivindicar seus direitos garantidos na Constituição, tendo com isso vários conflitos como reflexos.

Mapa das terras indígenas em 2012	
Estado de Mato Grosso do Sul	
Área em hectares	35.054.800,00 há
Terras indígenas	677.797,2513 ha (1,9335% das terras do Estado)
População do Estado	2.449.341 (IBGE 2010)
População indígena	73.295 (FUNAI 2010)
População indígena aldeada	58.838
População indígena desaldeada	14.457

Tabela 4: Mapa real das terras indígenas em 2012.

Fonte: FUNAI e IBGE/2010.

Os dados sobre a efetiva ocupação de terras por índios são muito difícil de obter, pois para garantir sua veracidade teríamos que ir de terra em terra e saber quantos hectares os indígenas realmente estão ocupando do que está demarcado oficialmente.

Um exemplo é Nhanderu Marangatu que foi homologado mais de 09 mil hectares e os indígenas estão em apenas 200 hectares. Outro exemplo são os índios Kadiwéu que tem mais de 530mil hectares homologados, mas vivem com pouco mais de 375 mil hectares.

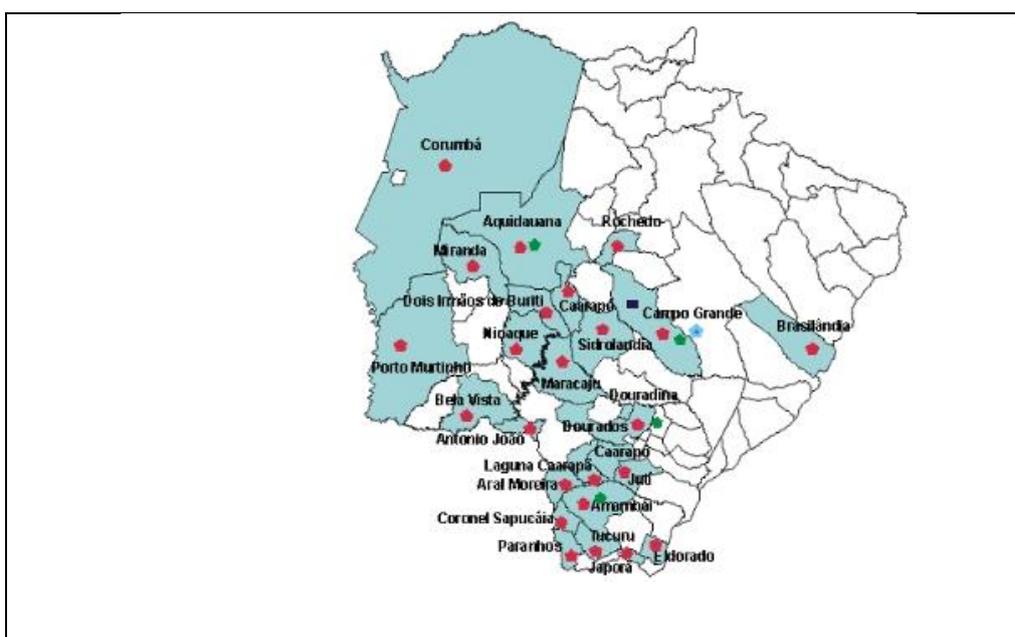


Figura 4: Mapas dos municípios com terra indígena em MS.

Fonte: FUNASA/2012.

Atualmente há um crescimento nos conflitos entre “fazendeiros” e as populações indígenas no Brasil, não sendo diferente no Mato Grosso do Sul.

O mapa abaixo sobre as terras indígenas em estudos apresenta apenas 18 terras registradas pela FUNAI.

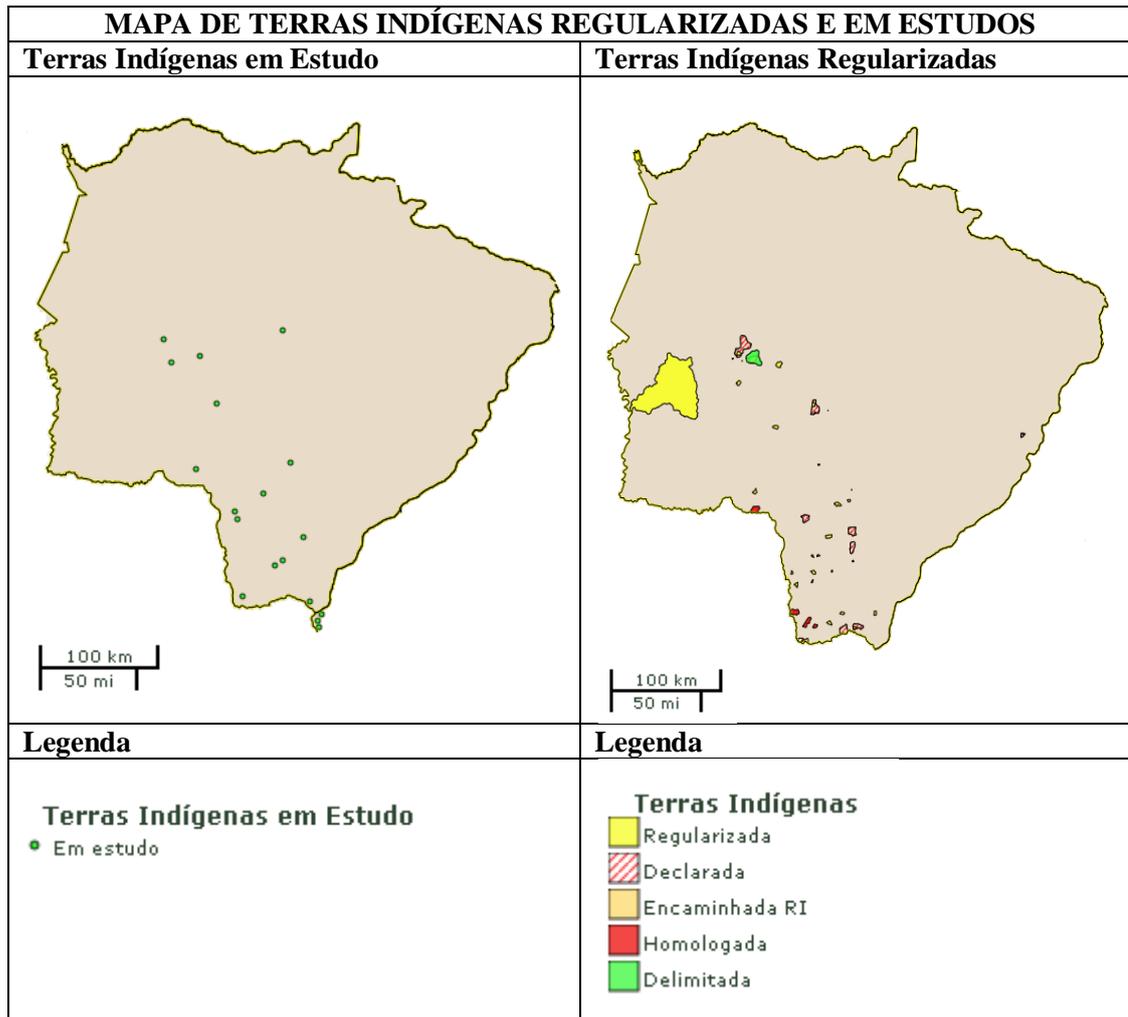


Figura 5: Mapa de Terras Indígenas regularizadas e em estudos.
Fonte: FUNAI/2012.

3 O POVO GUATÓ SEGUNDO CRONISTAS E VIAJANTES

3.1 Relação do povo Guató com o espaço e o tempo

3.1.1 Os primeiros contatos com o povo Guató

Na elaboração deste capítulo realizou-se um levantamento bibliográfico dos índios guató, com ponto de partida a primeira menção no século XVI, por exploradores espanhóis, até os dias atuais onde várias dissertações e teses já foram escritas.

A história dos Guató tem sua primeira aparição e registro pelo homem “branco” na metade do século XVI. O primeiro encontro foi registrado por Alvar Nuñez Cabeza de Vaca (2007), que cita os índios guató em *Naufrágios e comentários*, sobre uma expedição com destino a cidade do Eldorado, mito Peruano.

Passaram pelo Atual Pantanal, achando que o mesmo era um mar, batizando-o de Mar de Xaraés, isto em 1543. Outros autores, como Guzman e Hervas y Azara, citaram os Guató em seus escritos ainda nesse século.

Existem várias menções, bibliografias e publicações sobre o povo guató ao longo dos mais de 400 anos que se sucederam o primeiro encontro, embora alguns relatos sem grandes informações etnográficas.

Neste capítulo utilizaremos como dados secundários, os trabalhos dos autores: Florence (1825), Castelau (1845) e Schmidt em suas viagens realizadas nos anos 1901, 1910 e 1928,

Também utilizaremos as contribuições de Rondon (1938), que encontrou os Guató na década de 1930 deixando como legado um pequeno dicionário da língua guató. Os trabalhos de Oliveira (1995 e 2002) também servirão como base bibliográfica.

3.1.2 Encontro dos Guató com a Expedição Langsdorff

Em 1825 teve início a Expedição Langsdorff, (1825 a 1829), com o financiamento do czar russo, e comandada pelo Cônsul e Barão Gerof Von Langsdorff, o objetivo era explorar áreas até então desconhecidas pelo império de Portugal. O desenhista Hércules Florence integrante da Expedição registrou as melhores imagens que se têm dos Guató do século XIX.

Identificou os Guató vivendo às margens dos rios Paraguai e São Lourenço, registrou um pouco do cotidiano Guató no diário da expedição, falando dos modos alimentícios dos mesmos:

N'essas vastidões alagadas cresce em grande abundancia o arroz selvagem, cuja altura ha de exceder de sete a oito pés, pois só fora d'água tem dois a três, sendo o terreno submergido em profundidade de cinco a seis. Quando os Guatós, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e n'um instante as enchem até ás bordas; entretanto por falta de cultura, é a qualidade do'grão inferior á do nosso. (FLORENCE, 1875, p, 420).

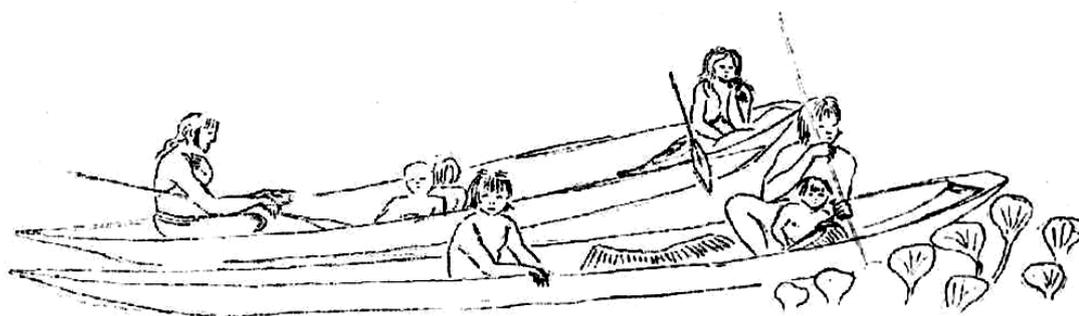


Figura 6: Índios guató em duas canoas (Florence, 1948, p.146).

Florence também registrou como as famílias guató se deslocavam nos rios do pantanal, carregando tudo que precisavam para sobreviver em canoas:

Em pé á proa os maridos remam; as mulheres sentadas à popa vêm governando por meio de uma pá: as crianças acocaram-se no meio sobre esteiras. As embarcações, com três palmos e meio de largo sobre 20 ou 25 de comprimento se tanto, lavam sempre no bojo cães, arcos e flechas para caçadas e pescarias. Os homens apresentam-se vestidos de uma calça de algodão; as mulheres com um saizinha, deixando o resto do corpo descoberto. Estas roupas que conseguem dos brasileiros por meio de barganhas são em geral muito sujas por não serem lavadas, ou, se passadas por água, não levarem nunca sabão. Não vi senão um velho completamente nu: trazia o membro viril preso por um cordel que dava volta á cintura. (Ibidem, 1875, p, 438).

Em suas anotações Florence mostrou um pouco das habilidades guató em terrenos tão inóspito à sobrevivência do homem:

Vivem quase sempre sobre a água, mettidos em barquinhas que, como acima disso, têm dimensões diminutissimas. Quando toda a família está embarcada, a borda da canoa fica com dois dedos acima d'água, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as fechadas para fignarem peixes ou traspasarem pássaros. Matam além d'isso jacarés que lhes servem de principal alimento, porque d'elles nunca há

falta. Em terra não são menos destros caçadores. Valentes aggressores da onça, procuram de principio enfurecei-a, fazendo-lhe á fechadas ligeiros ferimentos: quando a fera irritada se atira, o Guató a espera de pé quedo e crava-lhe a *zagaia*, lança curta armada de um osso de *jacaré* ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros. (Ibid, 1875, p, 439).

Outra contribuição de Florence foi o registro dos hábitos alimentares Guató, que estava baseado principalmente na pesca e na caça, e mesmo sendo pouco agricultor, os mesmos colhiam frutos da terra e alguns plantavam bananas, milhos e outras raízes:

Elles fazem grande matança de bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as pelles, bem como as da onça. São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raízes e milho. Costumam apanhar os fructos de um grande bananal, que foi plantado á margem esquerda do S.Lourenço por um antigo pantanões circumvizinhos. A indústria manufactora consiste em tecer com casca de tucum grosseiros mosquiteiros, dentro dos quaes dormem; abrigos porém por tal modo espessos e pesados, que só por força de habito é possível supportar o calor que de baixo d'elles desenvolve. Fazem ainda um tecido quadrado de pé e meio a dois de lado e que prendem por duas extremidades a um pão para servir de ventarola e com ella afugentarem os temíveis pernilongos. Só á noite o deixam: tal é a importunação d'aquelles teimosos e sanguisedentos insectos! (Ibid, 1875, p,429).

O comércio dos Guató “consiste em trocar com os brasileiros pelles de onças ou canoas por facas, machados, zagaias e outras ferragens ou então por peças de panno de que fazem calças para si e saias para as mulheres” (Ibid, p 430).

Por tratar-se de um povo que não possuía uma aldeia central, e onde cada família pode se considerar uma aldeia, registrar em números expressivos os índios guató é muito difícil, no entanto, Florence conseguiu registrar:

A tribu é pouco numerosa. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi muito fallar n'uma taba de *Guatós*, assente na bahia de Guaiva e que contém mais de 2.000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contacto com brancos, bem que em nada malfeitores, e tão arredios que segundo contam, não fraternisam com os que viramos em S. Lourenço, por causa do commercio a que se entregam com os brasileiros. (Ibid, 1875, p,430).

Florence registra o tipo físico dos índios Guató e faz comparação com a semelhança entre o povo Guató e o europeu, dando algumas possíveis teorias para o fato:

São bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabellos corridos, o que os prende ao tronco indiatico, porque no mais parecem typo européo. Vi um homem de porte alto, boa figura e nariz aquilino: outros contudo apresentavam o cunho característico da raça. Tive noticia de que outr'óra os *Guatós* de S. Lourenço haviam morado entre os brancos e se misturado com elles, voltando porém depois, por gosto pela vida primitiva, aos antigos hábitos. Talvez d'ahi provenha pareença com os europêo, sem que por isso tenham os cabelos e a cor sofrido alteração. No meio do queixo crescem-lhes uns fios de barba. A physionomia das mulheres e crianças é interessante: quando moças, algumas são até bonitas. (Ibid, 1875, p,430).

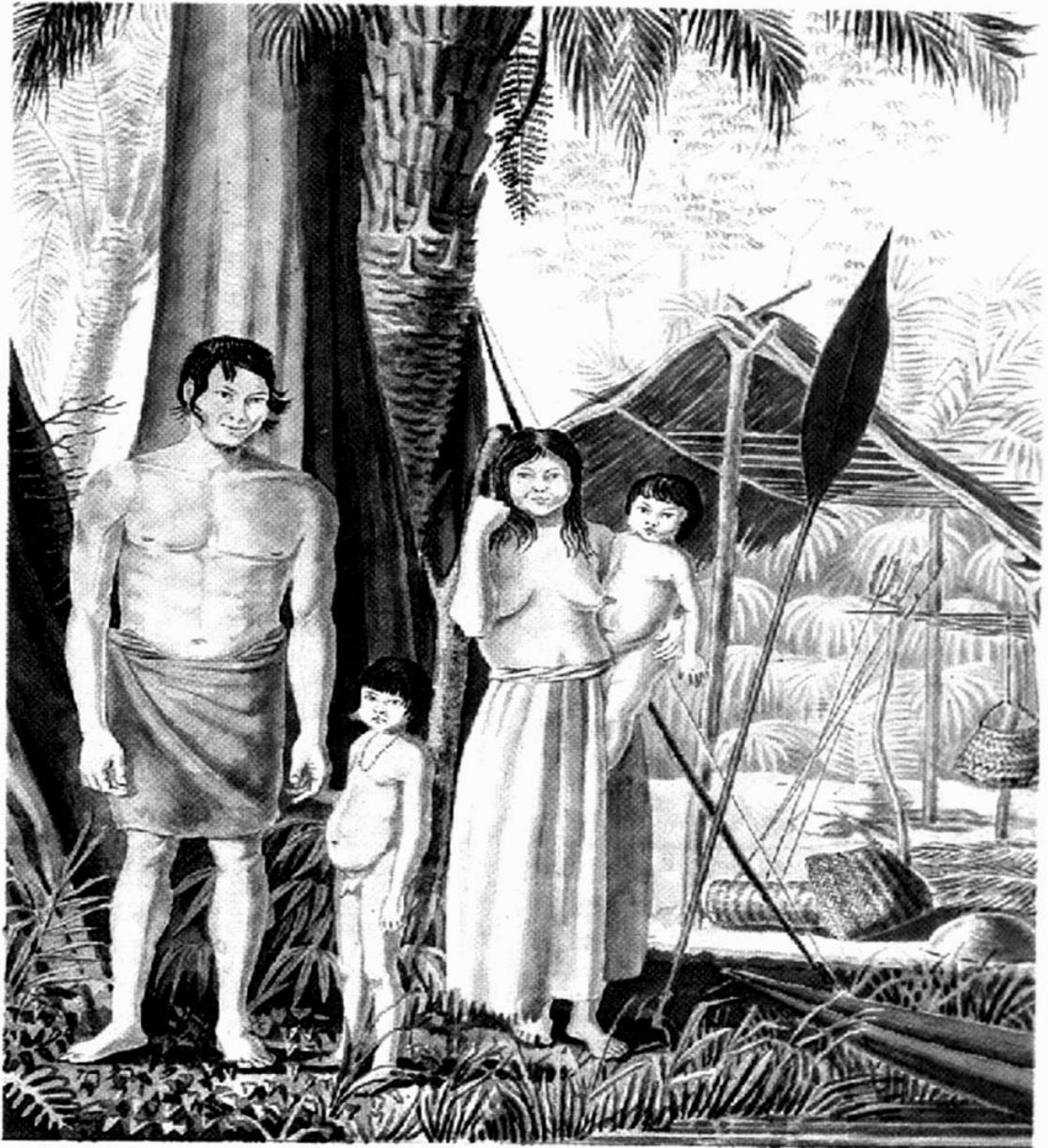


Figura 7: Família guató (Florence, 1948, p.157).

Existem vários relatos sobre bigamia entre os Guató (Florence 1825, Castelnau 1845, Schmidt 1942), mas também existem bastantes registros sobre o afeto e dedicação do homem guató para com sua esposa ou esposas:

Dizem que os *Guató*s vivem com mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que n'uma ocasião troquei algumas palavras com um delles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se todas eram suas; respondeu-me sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e elle retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido commigo a minha. Repliquei-lhe que não fora isso possível. << Pois bem, disse-me elle, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma d'estas.>> (Ibid, 1875, p,431)

Esta afeição dos Guató com seus entes estão presente nos registros iconográficos de Florence, pois em suas gravuras sempre então presente famílias, com crianças e adultos.

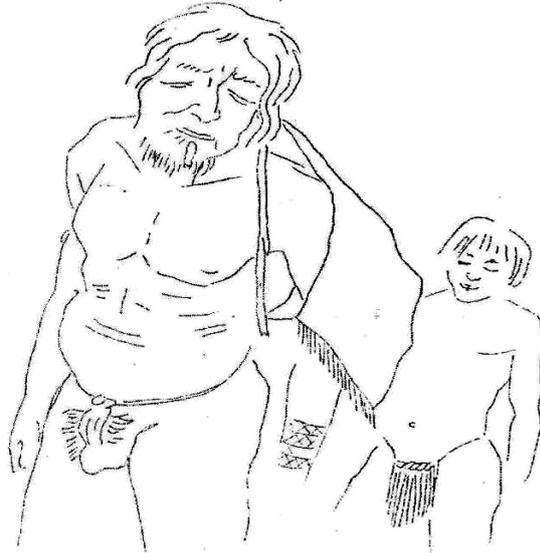


Figura 8: Velho e menina guató (Florence, 1948, p.148).

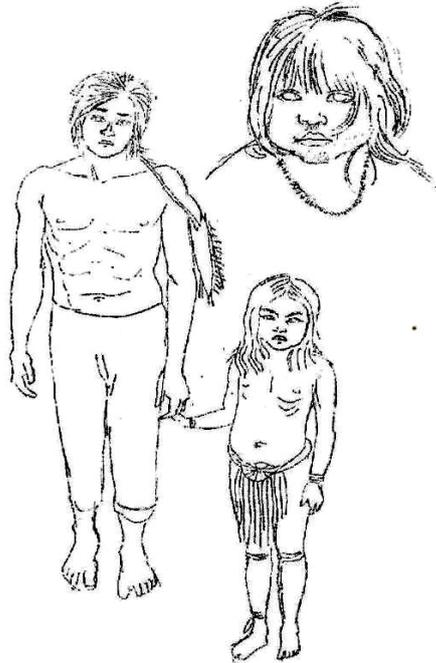


Figura 9: Guató da Passagem Velha, a 04 léguas de Vila (Florence, 1948, p.153).

De acordo com EREMITES DE OLIVEIRA (2002), um fato característico dos Guató consiste no rito de passagem de criança do sexo masculino para adulto, pois, para os indígenas não existe a “etapa de desenvolvimento adolescente”, onde o jovem tinha que matar uma onça

para se tornar “homem”. Neste ato o índio guató também ganhava uma esposa e para cada onça abatida teria direito a mais uma esposa.

Havia registrado uma espécie de rito de passagem, da puberdade social para a maturidade social masculina, consistindo em caçar uma onça, ato de bravura que daria direito ao jovem de contrair matrimônio. Neste aspecto em particular, como ainda é comum entre muitos povos indígenas, para os Guató matar onças, especialmente onças-pintadas ou mepago (*Panthera onca*), significava derrotar um animal muito mais forte que o homem, demonstrar coragem, domesticar as paisagens, obter troféus de caça, conquistar prestígio e respeito no interior do grupo, além de provar ser capaz de defender e trabalhar para o sustento de sua futura família. Por isso mesmo, em alguns assentamentos Guató foram encontrados vários crânios de felinos amontoados na parte da frente das casas, assim estando como troféus expostos aos visitantes. Ao passar por essa iniciação, suponho que o jovem estaria apto a desempenhar o papel de adulto em sua plenitude de direitos e deveres. (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002:287).

3.1.3 Expedição ao Centro da América do Sul por Francis Castelnau

Vinte anos depois, em 1845, outro francês, o naturalista Castelnau, visitou a mesma região e complementou as observações feitas por Florence:

Os guató apresentam exemplo raro de um povo sem nenhum liame nacional e que nunca se concentra em povoados; cada família leva vida isolada e constrói a sua moradia nos lugares mais inacessíveis. No meio de vastos pantanais ou de terras inundadas (...). Ali, sobre tosco barracão, instala o Guató a sua morada. Por mobiliário apenas algumas cabaças e peles de onças, animal que abunda na região e é alvo de encarniçada guerra. Não conhecem outra diversão afora a caça deste terrível animal, que é atacado corpo a corpo, por meio de uma comprida lança, que o índio nunca abandona. Passam quase toda a vida em suas canoas, onde se refugiam com a família inteira quando as enchentes lhes alagam os ranchos, forçando-os a passar semanas inteiras sem descer em terra. O ciúme é a paixão que mais atormenta esses selvagens, que vivem constantemente absorvidos com a guarda de suas muitas mulheres. (CASTELNAU, 2000:412)

Castelnau registrou a extrema habilidade que os Guató tinham com suas canoas “era espetáculo dos mais curiosos o destes índios, em pé na proa de suas canoas, que habilmente sabiam manobrar por meio dos compridos varejões.” (Idib. 360).

Assim como Florence, Castelnau também ficou muito impressionado com a quantidade de mulheres que um homem guató possuía, prendendo sua atenção a beleza das mulheres guató, “Um deles chamado João tinha 11 mulheres” (Idib, 360), “O número delas em cada família varia de três a doze. São muito bonitas de feições e é impossível deixar de admirar os longos cabelos pretos que lhes caem livremente sobre os ombros” (Idib. 412), “no meio deles havia um, guató, acompanhado de suas três mulheres” (Ibid, 357).

Os índios guató, mesmos vivendo isolados possuíam uma organização política bem distinta, Castelnau registrou que de tempos em tempos, as lideranças de cada região se reuniam:

Duas vezes por ano, em época certa, os homens se reúnem em lugares previamente indicados pelos chefes; porque estes republicanos, por excelência, não deixam de ter os seus caciques hereditários. Essas reuniões duram, mais de dois dias e ocorrem geralmente em sítios particulares, a que parecem devotarem respeito religioso, tais como certos picos da Serra dos Dourados e a entrada da lagoa de Uberaba. (Ibid. 412)

Castelnau batizou o canal que liga as Lagoas Uberabá e Gaíva, homenageando o Imperador do Brasil:

Ladeiam-no à direita e à esquerda pantanais imensos. Dão os selvagens a esse curso d'água o nome de Jequié. Como não o encontrássemos mencionado em nenhuma carta geográfica, felicitei-me por achar uma oportunidade para testemunhar meu reconhecimento à Sua Majestade o Imperador do Brasil, dando-lhe o nome de Rio Pedro Segundo. (Ibid, 414)

3. 2 Registros etnológicos de Max Schmidt

Max Schmidt foi o primeiro “explorador” alemão que direcionou seus estudos para a região pantaneira e para o povo indígena Guató. O trabalho etnográfico mais completo sobre o povo Guató foi elaborado por Schmidt, em três viagens (1901, 1910 e 1928).

Estudou a história, os costumes dessa etnia, chegou a fazer um vocabulário da língua guató. Publicou vários artigos no Brasil e no mundo, destacando o trabalho *Estudos de Etnologia Brasileira: peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901. Seus resultados etnológicos*, (Schmidt 1942), que é uma tradução da obra *Indianerstudien in Zentralbrasilien: Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren. 1900 bis 1901*. (Schmidt, 1905).

Obra muito importante no processo de reorganização desse povo remanescente, pois os registros deixados por Max Schmidt sobre seus hábitos, costumes, cultura e língua construíram muito na identificação de índios guató residentes na periferia da cidade de Corumbá.

Levando em consideração os trabalhos de Max Schmidt, principalmente *Estudos de Etnologia Brasileira* de 1942, alguns eixos serão abordados e confrontados entre o que Schmidt registrou na primeira viagem (1901) e os dias atuais.

Nesta acareação entre os mais de 100 anos de registros de Max Schmidt, destacamos a alimentação e seu preparo; moradia e sua relação com ambiente; relação comercial (troca); costumes tradicionais (música, cururu); artesanato (trançado de palha) e língua.

3.2.1 Hábitos Alimentares

Sobre os hábitos alimentares Max Schmidt, registrou o ato de caçar e pescar como parte do cotidiano, ainda que não fossem tradicionalmente agricultores, Schmidt também identificou que eles possuíam aterros e uma diversidade de culturas.

Schmidt descreveu os costumes alimentares Guató, mostrando a “riqueza da flora e da fauna que os cercam, fornecendo-lhe tudo de que precisam para se manterem sem que desprendam maiores esforços para isso” (Ibid. 162), também relacionou alguns animais que fazem parte da sua dieta alimentar como: veado dos pântanos (*Ozotocerus bezoarticus*), capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris*), diversas espécies de macacos próprios para comer, lagarto “sinimbu” (*Iguana iguana*) e seus ovos assim como os de tartarugas e diversas aves.

A água proporciona outras fontes de alimentos, principalmente o “crocodilo”, assim colocado por Max Schmidt, uma vez que o mesmo fala do Jacaré (*Caiman crocodilus*), pois existia em “superabundância” sendo extremamente apreciado pelos nativos, sem contar a enorme quantidade e diversidade de peixes existentes nos rios e lagos, predominando o consumo de piranha (*Serrasalmus spp*) e pacu. (*Piaractus mesopotamicus*).

Entre os vegetais, destacam a banana (*Musa spp*), que encontram nos “aterrados”, plantadas por outro povo.

Os “Aterrados” consistem, em grande parte, de conchas aglomeradas, tendo por cima uma camada de húmus, que corresponde, portanto, aos “sambaquis”, já conhecidos na América do Sul. Os guatós disseram-me que os que erigiram esses morros artificiais pertenciam à tribo “matsubehe”. (Ibid. 163).

Com referência aos aterros Guató, Schmidt registrou conforme lhe foi relatado, que foram erguidos pelo povo “matsubehe”:

Os guatós falaram-me da sua antiguidade, declarando que na região que habitam, vivera anteriormente outra tribo, de nome “matsubehe”, que eles, guatós, expulsaram. Que foram os “matsubehe” que erigiram ali os morros de conchas, que se encontram sobretudo na região de Caracará, e que eram eles que costumavam fazer plantações de bananas nesses morros artificiais, sendo até hoje a banana um fator importante na manutenção dos guatós. (Ibid. 137).

Um grão chamado “farinhento” semelhante ao milho, da planta aquática “forno d’água” e mais uma diversidade de frutos do mato que também eram apreciados. Dentro o qual destaque para “as palmeiras de acurí e também a “sibota” que se desenvolvem sempre junto as casas.” (ideb. 163).

Atualmente (2012), a dieta alimentar Guató, está baseado na pesca, caça, coleta e principalmente no Programa de Segurança Alimentar Indígena, na qual é entregue uma cesta básica para cada família moradora da aldeia. A cesta básica é composta de: arroz, feijão, sal refinado, macarrão, leite em pó, óleo, açúcar, fubá, farinha de mandioca e charque, sendo todos os produtos oferecidos industrializados, causando uma enorme dependência de produtos que antes eram retirados da natureza. O açúcar e o óleo são exemplos claros desta dependência.

Os animais que estão presentes na cultura alimentar Guató, não sofreram muitas mudanças, apenas acrescentaram alguns, como boi (*Bos taurus*), e vaca (*Bos taurus taurus*), porco (*Sus domesticus*), carneiro (*Ovis Áries*), galinha (*Gallus gallus domesticus*), animais da cultura pantaneira que provavelmente foram incorporados no início do século passado, com a implantação do sistema de pecuária na ilha Ínsua.

Embora estes animais estejam incluídos nos modos alimentares guató, podemos afirmar que a capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris*) e jacaré (*Caiman crocodilus*) estão no topo da cadeia alimentar, principalmente pela abundância na região.

Incluída no aprendizado desde criança, a pesca é uma arte para os Guató, sendo muito difícil encontrar uma pessoa que não saiba ou não goste de pescar. Por ser uma fonte de alimento e renda, uma vez que muitos Guató vivem do comércio de pescado.

O peixe que mais se destaca no paladar Guató é o pacu (*Piaractus mesopotamicus*), apreciado por unanimidade na aldeia, pela sua gordura e carne saborosa, outros peixes fazem parte da dieta alimentar guató com menos intensidade: pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*), dourado (*Salminus maxillosus*), piau (*Leporinus obtusidens*).

A piranha (*Serrasalmus spp*), esta entre os peixes mais degustados pelos Guató, talvez pela facilidade e abundância na pesca, pois, em conversa informal, muitos moradores dizem

não gostar da piranha, mas em resposta ao questionário todos informaram que a mesma está presente no cardápio.

Mesmo estando localizados no meio do pantanal, com uma grande abundância e variedade de peixes, alguns exemplares não são bem vindos no cardápio guató.

Com explicação peculiar para a não degustação, o jaú (*Paulicea lutkeni*) um peixe grande que pode alcançar mais de 1,5m de comprimento e 100 kg, faz parte das espécies que não são bem vindas no cardápio, pois “quanto mais velho, mais o sabor da carne fica “forte” e os pelos em baixo das nadadeiras ficam maiores com a aparência de cabelo humano” (Informação verbal)²

Quanto ao consumo de vegetais, ainda existe um resistência muito grande com as hortaliças. Diversos projetos tentaram implantar pequenas hortas próximas das residências, mas não obtiveram sucesso, se resumindo a uma canoa velha com cebolinha (*Allium fistulosum*) plantada na frente das residências junto com outros temperos.

A mandioca (*Manihot esculenta Crantz*), abobora (*Cucurbita pepo*) e o milho (*Zea mays*) fazem parte da dieta alimentar de todos os moradores da aldeia, não sendo unânime a sua plantação, porém os poucos que possuem roça sempre partilham ou trocam com os demais.

Na aldeia existem diversos frutos de estação, que não são nativos e sim trazidos para a aldeia, conforme a mesma foi sendo (re)ocupada, algumas das espécies são: melancia (*Citrullus vulgaris Schrad*), laranja (*Citrus sinensis*), abacate (*Persea americana*), goiaba (*Psidium guajava*), manga (*Mangifera indica*), seriguela (*Spondias purpurea*), coco da baía (*Cocos nucifera L.*), limão (*Citrus Limon*), mexerica (*Citrus nobilis*), mamão (*Carica papaya*), melão (*Cucumis melo*) e banana (*Musa spp*).

Conforme o período de maturação, as frutas vão sendo consumidas pelos moradores, sendo apreciada pela maioria.

Ainda hoje é consumido o grão chamado “farinhento”, da planta aquática “forno d’água”, pois, se trata da nossa conhecida vitória-régia (*Victoria amazonica*), em sua flor há sementes que são apreciadas de diversas maneiras: torradas, como canjica.

O arroz selvagem muito apreciado no passado, já não faz parte da dieta alimentar dos guató da ilha Ínsua, hoje apenas alguns moradores o colhem, uma vez que a dificuldade da colheita o gosto pouco atrativo para o consumo e a distribuição do arroz branco na cesta básica, têm distanciado cada vez mais a colheita e principalmente o seu consumo.

² Entrevista com o índio guató Laucídio Correa da Costa em setembro de 2011.



Figura 10: Canoa guató sendo reutilizada, com plantação de cebolinha.
Foto: Fabio Martinelli/2011



Figura 11: colheita de abobora.
Foto: Zaqueo de Souza Ferreira, 2007.



Figura 12: Plantação de Mandioca.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 13: Roça de Banana.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 14: Colheita de arroz selvagem.
Foto: Zaqueo de Souza Ferreira /2011.



Figura 15: Menino colhendo arroz selvagem.
Foto: Zaqueo de Souza Ferreira /2011.

3.2.2 Preparo dos alimentos

No preparo dos alimentos o fogo era feito através de molininho (*mápir*):

Obtêm o fogo, com o molininho como se sabe, colocando-se um pau denominado o fuso, na cavidade de um outro, o eixo, de modo que o primeiro está de pé e o outro horizontal, remexe-se então com as palmas das mãos para lá e para cá, devendo fazer-se uma pressão forte para baixo, que a fricção produza suficiente quantidade de farelo e calor, provocando o encandescimento do farelo. (Schmidt, 1942, 169).

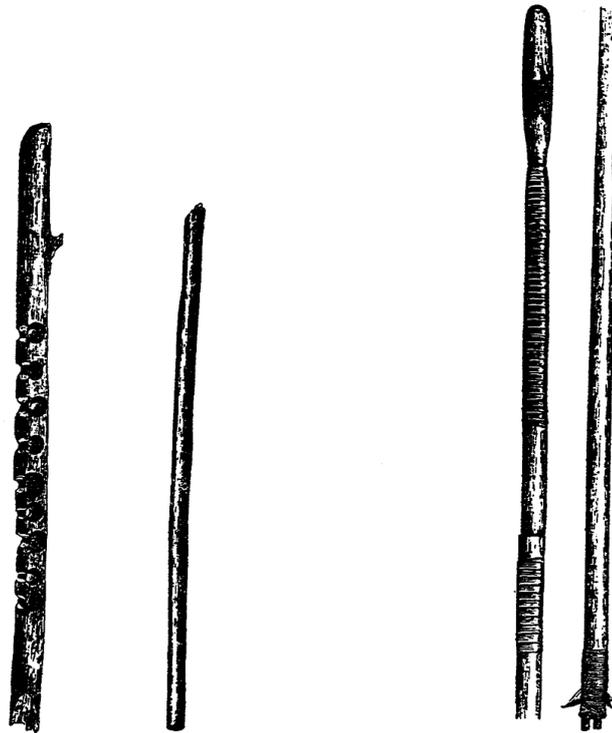


Figura 16: Molininho utilizado pelos guató para produzir fogo (Schmidt, 1942, p.170).

Para conseguir o fogo, os Guató não se apresentavam diferenças entres outros povos, no entanto na forma de preparar, os Guató tinham uma distinção bem clara dos outros povos conforme Schmidt:

Distinguem-se esses índios de outros da América do Sul pelo costume de não assarem os peixes ou outras carnes sobre um cavalete, mas cozerem-nas na água. O caldo é apreciado de modo especial. De vez em quando, punham um rabo de sinimbu ou coisa semelhante sobre as brasas, mas isso constituía exceção e jamais vi no fogo qualquer espécie de cavalete para fritar. A sopa de bananas, prato nacional, é de um sabor extraordinariamente bom. As frutas são colhidas ainda completamente verdes, de muito longe, descascadas e cortadas em rodinhas, sendo cozinhadas com pequenos fragmentos de peixe. Naturalmente não há sal ou qualquer outro tempero. (Ideb. 163).

Hoje os Guató não utilizam mais o molininho para acender o fogo, dificilmente encontraremos um aparelho deste na aldeia, pois, todas as residências utilizam a mesma tecnologia para acender o fogo, isqueiro ou fósforo.

Para o preparo dos alimentos, em quase todas as residências tem um fogão de barro ou popularmente conhecido como fogão de lenha, já que o mesmo utiliza madeira para manter ao fogo acesso, embora nos últimos anos algumas famílias tenham adquirido o fogão a gás, nenhuma casa se desfez do fogão de lenha.



Figura 17: Fogão a lenha e fogão a gás.
Foto: Fabio Martinelli, /2011.

3.2.3 Vasilhames Guató

Em relação aos vasilhames para o preparo dos alimentos, eram panelas de barros, classificados por Schmidt com sendo muito simples, havendo também potes para armazenamento de água e xícaras, ambas feitas de barro.

A essa espécie de comidas, mais ou menos líquidas, corresponde certamente a espécie de vasilhame de que se utilizam (...) vastas panela de barro (*mikir*) de linhas

muito simples. Para guardar água para beber, possuem eles grandes bilhas de barro (*batu*), de cor avermelhada e consistência porosa, onde a água, graças à evaporação, esfria consideravelmente, encontrei somente um caso de ornamentação de bilhas por meio de quatro pequenas saliências. (Ideb. 163)

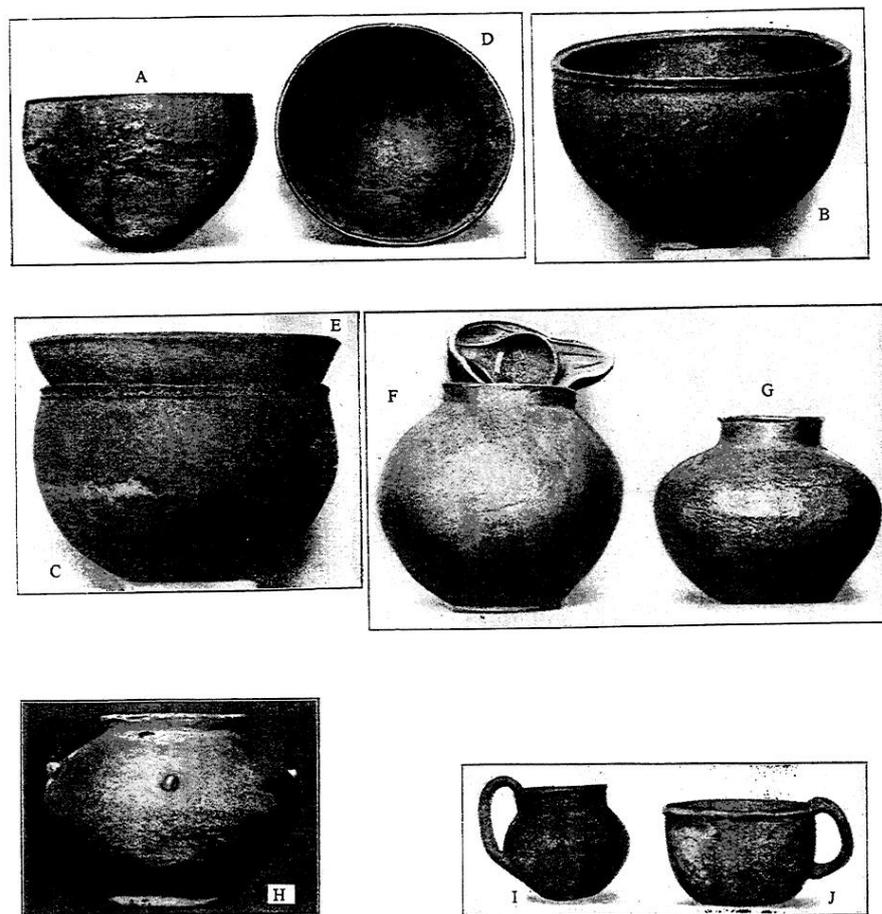


Figura 18: Vasilhame guató (Schmidt, 1942, p.168)

Segundo Schmidt a refeição realizava-se de modo determinado: os homens ficam de pé, rodeando o caldeirão, onde enchem suas colheres de pau (*maguadá*) serviam simultaneamente os pratos. As mulheres sentavam-se em volta de outra panela ou tigela em que o preparador da comida despeja o alimento e, ao invés de colheres, utilizam conchas (*maquá*).

Atualmente não há nenhuma família que utilize vasilhames de barro, respeitando apenas a retirada de alimentos, uma vez que o pai é sempre o primeiro a ser servido, contudo quem serve o alimento é a esposa.

Existem estudos arqueológicos mostrando que este povo já foi produtor de cerâmicas, hoje na aldeia não existe nenhum artesão que tenha o dom de produzir objetos de cerâmicas.

Assim sendo, todos os moradores utilizam vasilhas de alumínio, ferro ou vidro para o preparo e degustação dos alimentos.



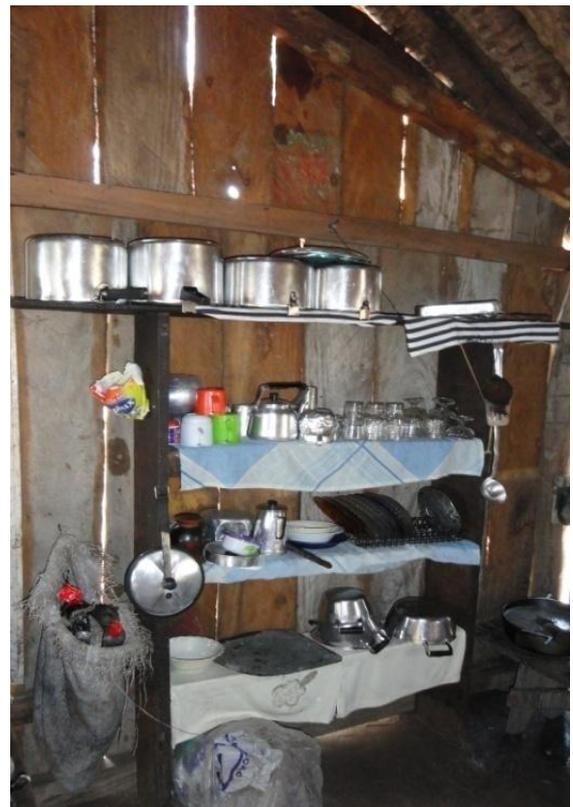
A: vasilhame guató no fogão de lenha



B: vasilhame guató no fogão de lenha



C: Panelas e pratos no fogão de lenha



D: Vasilhames guató na prateleira.

Figura 19: vasilhames guató na atualidade.
Foto: Fabio Martinelli, 2012.

3.2.4 Habitações Guató

Max Schmidt (1905) e Florence, (1825 a 1829) registraram casas tradicionais Guató em suas viagens, embora sejam consideradas simples na atualidade, elas eram utilizadas como abrigo provisório, pois os Guató tinham uma mobilidade muito intensa no seu território, ora pela necessidade de estar sempre à procura de alimentos, ora pela sazonalidade das águas no pantanal.

Schmidt descreveu a habitação da seguinte maneira:

O esquema da casa típica é um quadrado, cujos lados medem 4ms. Na parte central desse esquema ergue-se uma vara de 3.10m de altura. As partes superiores das duas varas são ligadas a uma outra em sentido horizontal que apóia os dois lados do telhado, que se estendem até o solo. Estes constam de uma armação de varas, que se acha necessariamente coberta pelas grandes folhas de acurí. Por toda a parte a chuva penetra por esse abrigo mal feito e aberto na cumieira. (SCHMIDT, 1942 p. 140).

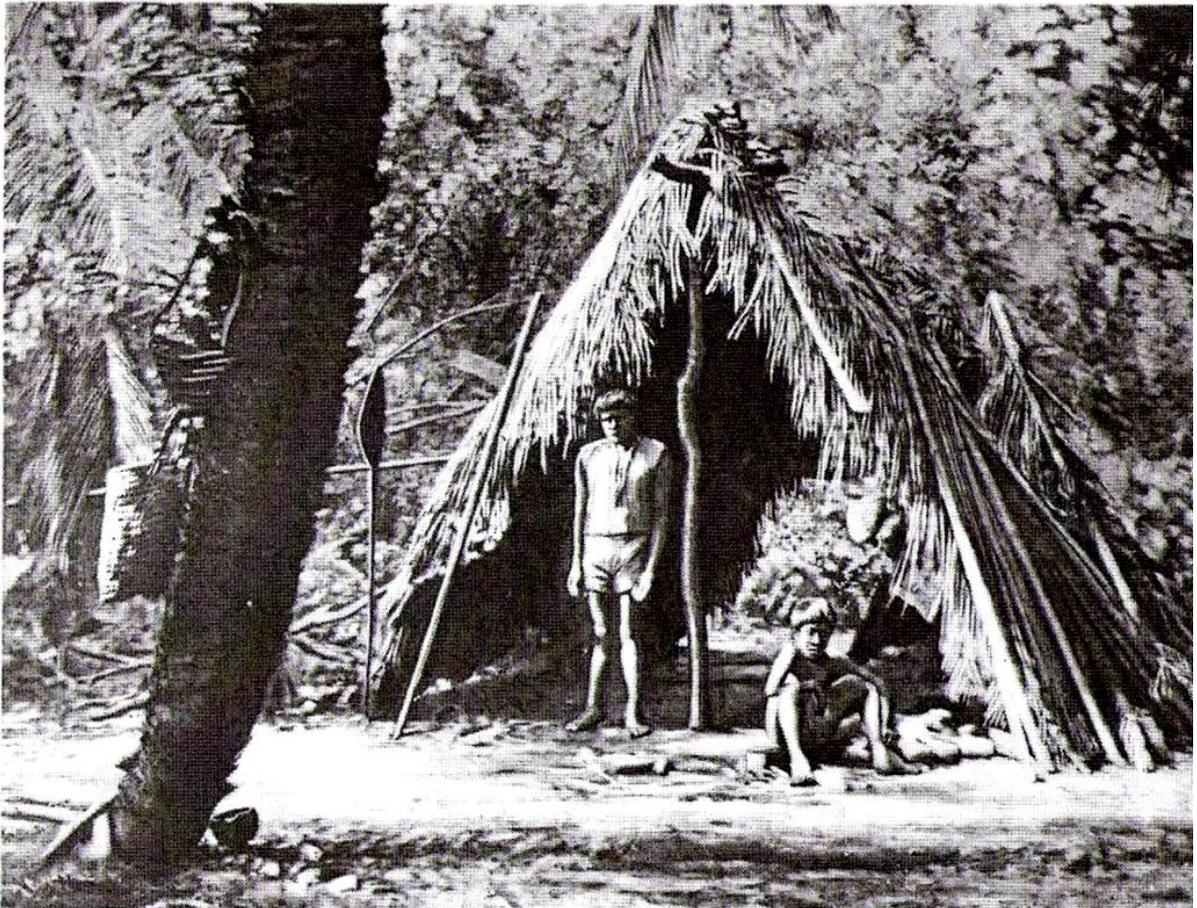


Figura 20: Homem e uma criança guató em sua casa (Schmidt, 1905, p.185).



Figura 21: Índios guató, na confluência do rio São Lourenço, em sua casa (Florence, 1948, p. 155)

Oliveira (1995) também descreve a construção da casa guató, registrada por Florence:

A casa desenhada por Florence (1948) está caracterizada, em termos morfológicos, por uma planta baixa retangular e fachada frontal. Os esteios são enterrados no chão. Dois esteios centrais em forquilha apoiam uma cumeeira e quatro esteios periféricos, também em forquilha, sustentam os frechais. Há dois esteios periféricos para cada lado dos esteios centrais. A amarração da cumeeira e dos frechais é do tipo encaixe ou apoio sobre forquilha. Sobre a cumeeira e frechais são colocados caibros e sobre estes ripas, talvez amarradas com enlaces de cipó. Fixada nos caibros há, inclusive, ripas que sustentam várias varas que formam uma estrutura próxima à parte mais elevada da casa, e que serve de estante para guardar materiais diversos. O revestimento da cobertura é de palmas de acuri (*Scheelea phalerata*) e chega próximo ao solo. O teto é do tipo duas-águas. No interior da casa nota-se um jirau, que é uma pequena estrutura composta de quatro varas em forquilha, fincadas no chão, que apoiam outras varas sob forma de estrado, e que está servindo para pendurar um cesto e apoiar algumas flechas. Observa-se ainda no interior da casa um fogão, vasilhas cerâmicas, esteiras e cestos. Em frente da casa há um arco e um remo. (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995 p 126).

Como a política de aldeamento do Governo não leva em consideração a mobilidade dos povos indígenas, os Guató tiveram que se adaptarem as novas realidades.

Conforme o aumento do envolvimento dos Guató com a sociedade envolvente, vamos verificar um formato diferente na construção de suas residências, principalmente quando compararmos com os registros de Schmidt (1901) e Florence (1825).

As técnicas utilizadas na construção das casas sofreram varias interferências do processo tecnológico, uma vez que as casas tradicionais possuem telhados da folha do acuri

(*Scheelea phalerata*), e paredes de tronco de palmeira de bocaiúva (*acrocomia totai*) ou da palmeira de carandá (*Copernicia Australis*), cobertas com barro vermelho, e chão batido.



Figura 22: Casa tradicional sem paredes barreadas.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 23: Casa tradicional com paredes barreadas.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

Este tipo de casa requer uma manutenção de tempos em tempos, conforme a ação da chuva e do sol, a cobertura precisa ser trocada e as paredes retocadas conforme a necessidade, com uma vida útil de 03(três) a 05 (cinco) anos.

Alguns indígenas se especializaram em tirar madeiras e fazer tábuas com a moto-serra, sendo assim hoje podemos encontrar vários modelos de casas, feita de tábuas de madeira e telhados com telhas de amianto ou metalão e o chão de cimento.

Em alguns casos há a mesclagem de casa com paredes de barro e telhado de amianto, paredes de tábua e telhado de folhas de acuri.

Com estas mudanças já não vamos ver tantas palmeiras de acuri próximo das casas, tornando as residências um pouco desconfortáveis no quesito climático local.



Figura 24: Casa de madeira com telhado de amianto.
Foto: Fabio Martinelli/2012.



Figura 25: Casa de madeira com telhado de palha de acuri.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 26: Casa de barro com telhado de amianto.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

3.2.5 Ornamentos e instrumentos guató

Schmidt também registrou os instrumentos de ornamentos/caça/pesca utilizados no cotidiano dos Guató, instrumentos adquiridos através de troca com os viajantes que passaram por ali, ou como os de fabricação própria, como arco, flecha, zagaia, vasilhames para preparo (panela), armazenamento (gamela) e consumo de alimentos.

Também registrou a indumentária e ornamentos, como colares de sementes, ossos e penas de aves da região, vestimenta do homem, da mulher e das crianças:

“Com respeito às mulheres e moças guató que usam exclusivamente saias, deixando a parte superior do corpo comumente descoberta”...o traje típico é ainda para o elemento masculino, uma tanga, presa sobre os quadris por uma correia de couro. Apenas, essa tanga é constituída exclusivamente de uma *calça de homem* dobrada (mavaeta), isto é, as pernas das calças são voltadas para cima e as extremidades são metidas para dentro do cinto. (SCHMIDT, 1942 p. 144).

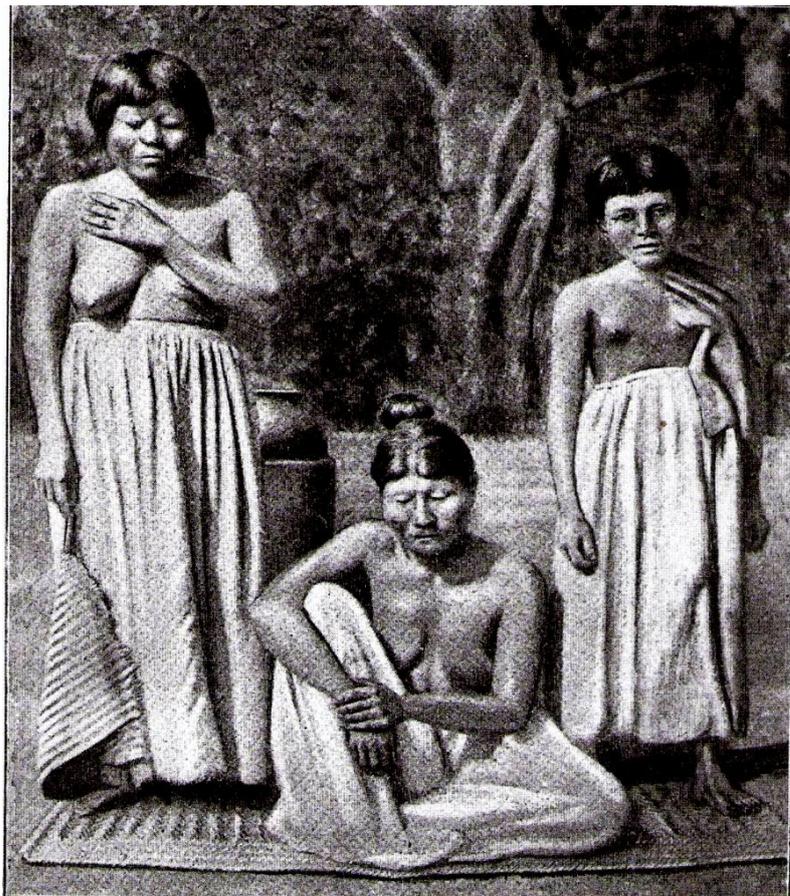


Figura 27: Mulheres guató (Schmidt 1905, p. 161).



Figura 28: Mulheres guató.
Foto-arquivo: Jorcimari Picolomini/2009.



Figura 29: Mulheres e homens guató na escola.
Foto-arquivo: Jorcimari Picolomini/ 2009.



Figura 30: Homens guató (Schmidt 1905, p.188)



Figura 31: Homens guató, preparando churrasco.
Foto-arquivo: Fabio Martinelli/2009.



Figura 32: Homens guató.
Foto-arquivo: Fabio Martinelli/2009.

Schmidt chegou a fazer uma classificação em seis tipos diferentes das flechas e descreveu a maneira que é feito o arco, bem como registrou um modelo de arco que atira bolas de barro, o bodoque ou “*madogopiinu*”.



Figura 33: Flecha do primeiro tipo de ponta simples em madeira. (Schmidt, 1942, p.151).

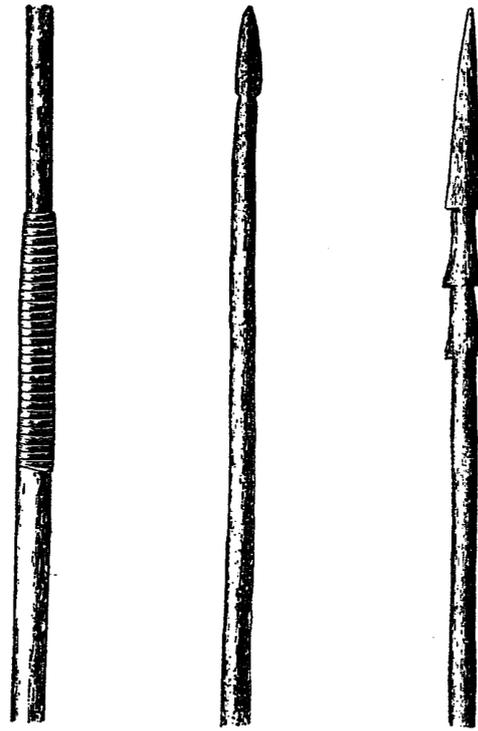


Figura 34:Flechas do segundo tipo de ponta adentada de madeira. (Schmidt, 1942, p.153).

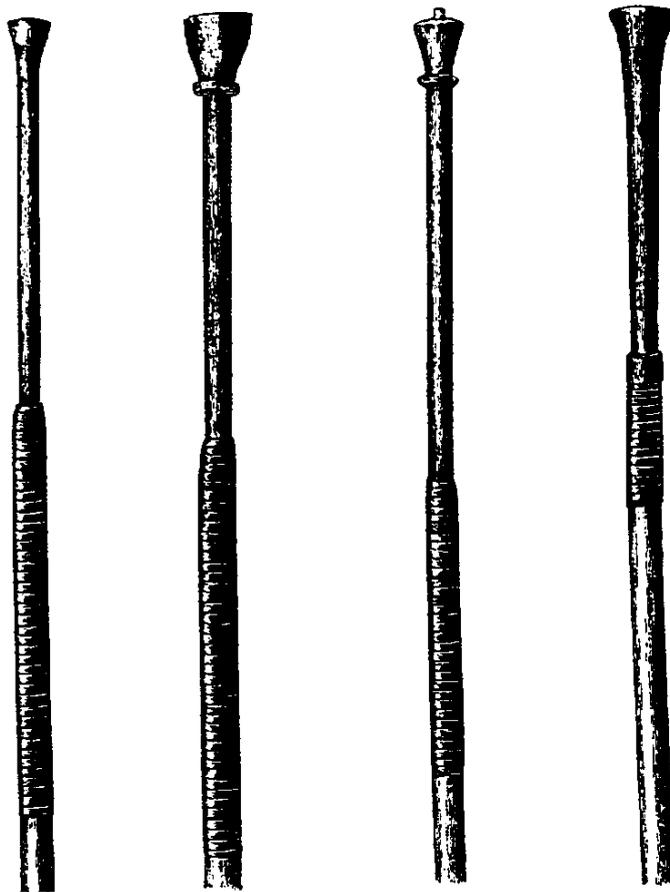


Figura 35:Flechas do terceiro tipo, para pássaros de ponta engrossada (Schmidt, 1942, p. 155).

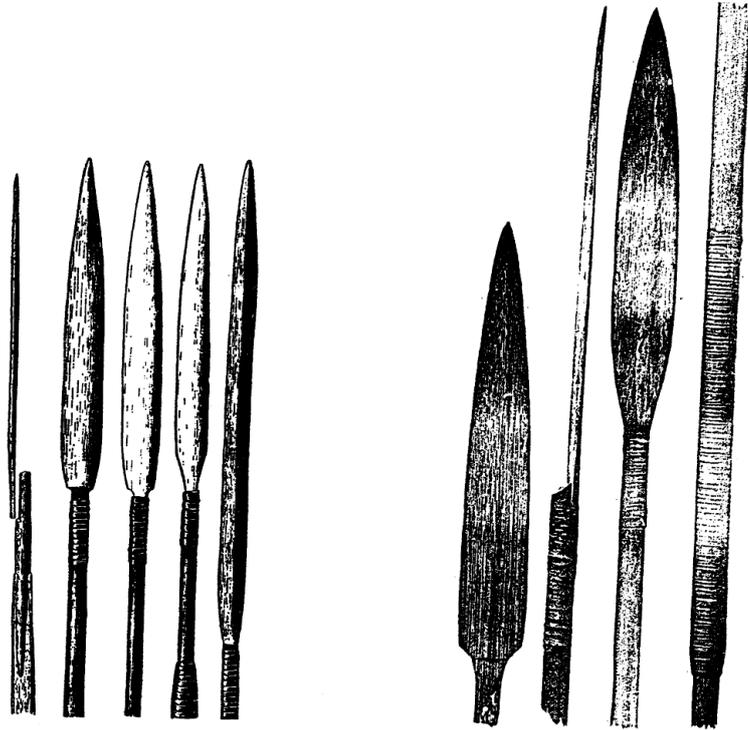


Figura 36: Flechas do quarto tipo de ponta de taquara. (Schmidt, 1942, p.156).

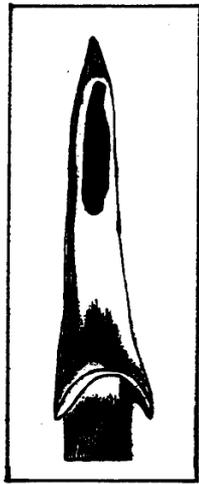


Figura 37: Flechas do quinto tipo com ponta de osso “mandápi”. (Schmidt, 1942, p. 158).

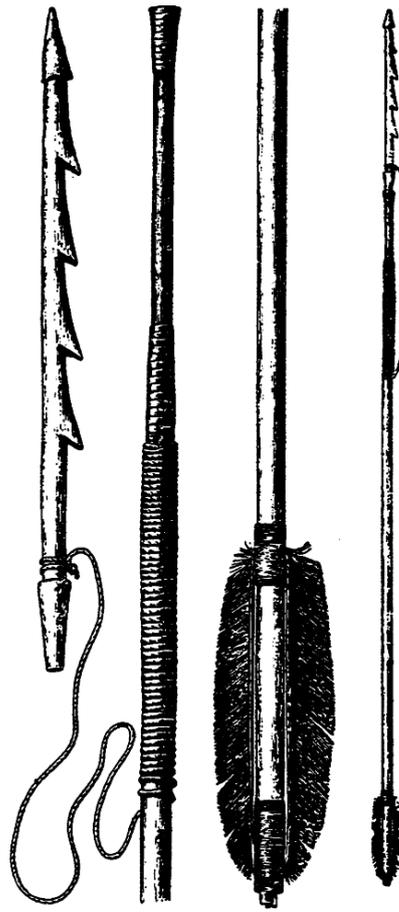


Figura 38: Flecha do sexto tipo em forma de arpão com ponta de osso, (Schmidt, 1942).

Cada tipo de flecha tinha uma função diferente, destacam-se as flechas para caçar pássaros, animais de porte pequeno, médio e grande, como o jacaré (*Caiman crocodilus*) e a onça (*Panthera onca*), e também flechas para serem utilizadas na pesca.



Figura 39: Arco para atirar bola de barro, conhecido como bodoque guató (Schmidt, 1942, p. 159).

Atualmente os indígenas guató apropriaram dos instrumentos de caça e pesca que a sociedade ocidental oferece, por meio de troca, compra e barganha, da mesma maneira que era feito no passado, apenas com mais facilidade nos dias atuais.

Os moradores da aldeia têm seus apetrechos de pesca como: vários tipos de anzol e linha. Utilizam varas de pescar simples, e dificilmente utilizam carretilhas ou molinetes em suas pescarias, sendo ainda comum o uso da figa.

Também utilizam espingardas de vários calibres (foto 40), nas caçadas de capivara (*Hidrochoerus hidrochoeris*) e jacaré (*Caiman crocodilus*), como todos moradores do Pantanal eles não gostam da presença da onça pintada (*Panthera onca*), embora não utilizem mais o rito de passagem da caçada da onça para adquirir uma esposa, é comum histórias de caçadas de onça.

Utilizam com frequência a zagaia com ponta de ferro nas caçadas, mas o arco e flecha fabricam apenas para diversão e artesanato (figura 41).



Figura 40: Espingarda calibre 22 utilizada pelos guató.
Foto: Fabio Martinelli/2012.



Figura 41: Flechas guató.
Foto: Fabio Martinelli/2012.

3.2.6 Trançado e Tecelagem Guató

Dentre os registros que Max Schmidt fez em sua primeira expedição 1901 ao Pantanal e ao povo guató os registros do Trançado e Tecelagem, (figura 42), foram muito importante para os atuais moradores da ilha Ínsua. Pois se trata de um capítulo a parte na construção da história Guató.

Depois de dada a sua extinção na década de 1950, foi o encontro da irmã Salesiana Ada Gambarotto (Filha de Maria Auxiliadora - FMA), com dona Josefina, na periferia de Corumbá na década de 1970, que “acendeu” a luta pela busca do território Guató.

A partir deste encontro irmã Ada, percebeu que dona Josefina fazia esteiras e abanos com folhas de aguapé igual aos registros de Schmidt, dona Josefina tinha a mesma técnica que os seus antepassados e também conversavam numa língua diferente.

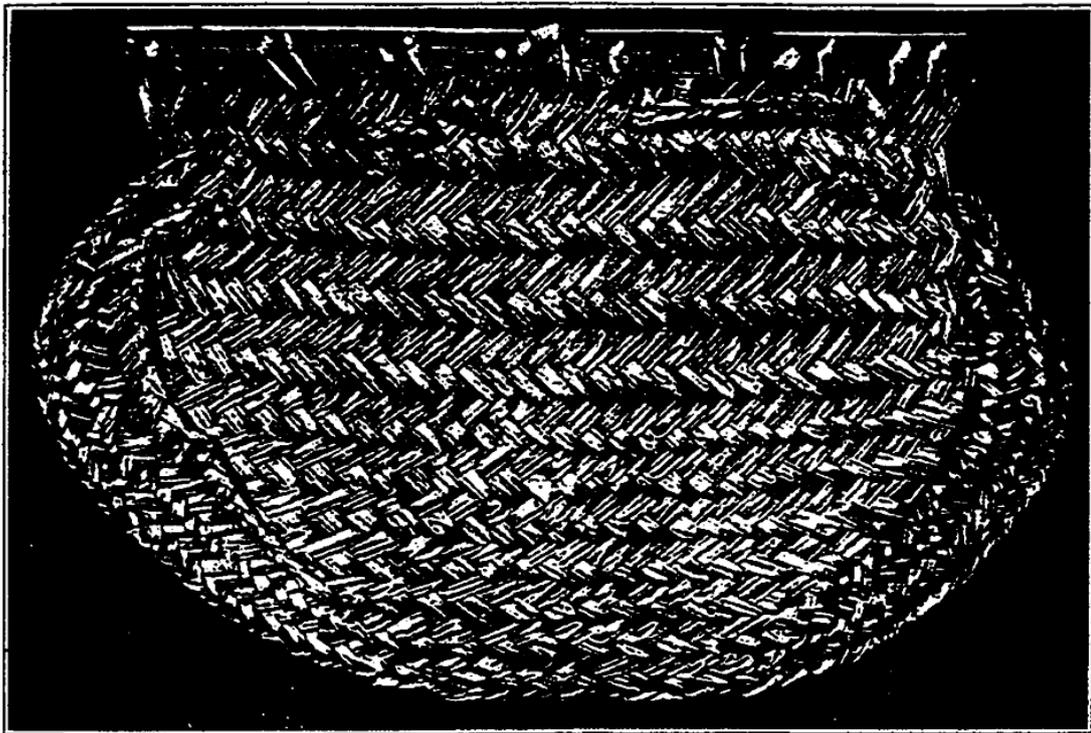


Figura 42: Abano para fogo.(Schmidt, 1942, 179)



Figura 43: Abano produzido na atualidade.
Foto: Fabio Martinelli/2011

3.3 Canoa, Remo e a Viola de Cocho

Instrumentos que sempre estiveram ligados ao povo guató, a confecção destes itens utilizados no espaço e no tempo pelos Guató, ainda guardam muitas semelhanças no manejo e na fabricação, (figura 43).

Com influência do espaço e auxiliado pelos mais velhos, podemos perceber que mesmo com a chegada de muitos produtos tecnológicos, a fabricação destes instrumentos continua igual à de tempos imemoráveis.

3.3.1 Construção da viola de cocho Guató

Para fazer uma viola de cocho é necessário escolher uma madeira que seja bem leve e fácil de trabalhar. Existem várias madeiras que podem ser utilizadas na confecção da viola de

cocho, porém a ideal segundo os Guató é o sarã (*Sapium obovatum Kl*) da margem do rio. “O sarã é uma madeira que dá viola com som muito bom”. (Informação verbal)³, figura 44 e 45.

A corda original da viola de cocho é feita da tripa do bugio (*Alouatta fusca clamitans*). Para fazer a corda é preciso raspar a tripa até ficar bem fina, em seguida é preciso colocá-la na ponta de uma varinha de taquarinha, depois deixar no sol para secar por alguns minutos.

Para colar a tampa da viola, é utilizada uma cola feita com parte do intestino da piranha, que é chamada de *póca*:

A melhor cola é feita de pocá de piranha, que quando pescada retira uma cobertura branca que envolve a pocá da piranha. Retiro uma quantia que seja o suficiente para colar a tampa da viola, embrulha com folha de bananeira e coloco cinza quente que quando esfriar já estará colado onde usou. Essa cola não pode ser guardada, pois é de uso rápido. (Informação verbal)⁴

Outra forma de colar a tampa é uma planta conhecida como *samaboré*, mas é muito difícil localizá-la na região. “Essa planta é muito rara aqui na região, por isso deixaram de usar, porém quando encontram não é desperdiçada pelos violeiros” (Informação verbal)⁵

³ Entrevista fornecida pelo índio guató Roberto Picolomini, na aldeia Uberaba em setembro de 2011.

⁴ Idem.

⁵ Idem



Figura 44: Sr. Robertinho produzindo viola de cocho.
Foto-arquivo: Jorcimari Picolomini/2009.



Figura 45: Viola de cocho pronto nas mãos do Sr. Robertinho.
Foto: Fabio Martinelli/2012.

3.3.2 Construção do remo Guató

Para fazer um remo é preciso: machado, facão, linha de algodão e tinta de preferência preta. A madeira própria para fazer o remo é o *louro*, e os cortes do remo são retirados somente na lua minguante, uma vez que segunda a crença local, dificilmente quebra quando é forçado em determinada função.

O remo deve ser feito na sombra, por assim dificilmente a madeira adquire rachaduras, que torna o remo frágil.

O remo é utilizado para navegar com a canoa tradicional guató, e com barcos de alumínio movidos a motor, pois, o mesmo ajuda nas manobras.

Aqui na aldeia o remo e a canoa são muito importantes, pois todos os dias utilizamos para diversas práticas, como por exemplo: pescar, caçar, carregar diversos outros produtos de um lugar para outro e até para passear. Quando estamos dentro de uma canoa o remo é nosso motor, com ele fazemos manobra em nossas canoas. Quando os cortes foram tirados e já estão pronto para trabalhar, bate a linha desenhando o modelo do remo, feito isso, trabalho com o facão com muita delicadeza, pois qualquer entrada na madeira vai deixar o remo frágil. Não pode deixá-lo em qualquer posição, pois é fácil de ficar torto, quando para de trabalhar sempre deixar o remo no chão deitado por inteiro. (informação verbal)⁶

O remo pode ter várias medidas, sendo que as mais utilizadas na aldeia são: 2 metros, 2,50 metros e 3 metros de comprimento, dependendo de gosto de quem vai utilizar. Pois um remo de louro de 3 metros chega a pesar 4 kg, com uma variação conforme o seu acabamento.

3.3.3 Construção da canoa Guató.

Para fazer uma canoa grande, como objetivo de utilizar na caça e na pesca, que comporte duas pessoas adultas é preciso ter muita prática na escolha da madeira, a ximbuva (*Enterolobium contortisiliquum*) é a mais utilizada na confecção de canoas pelos Guató:

...entra na mata a procura, encontram muitas, porém poucas são boas. Para escolher as boas, batem na madeira encontrada com um pedaço de madeira, atenciosamente escutam o som produzido ao bater na madeira, esse processo é para saber se a

⁶ Entrevista fornecida pelo índio guató Adelino Assunção na aldeia Uberaba em setembro de 2011

madeira não possui defeitos internos como o meio da madeira pode estar ‘oco’, ou a madeira sofreu ataque de cupim, pelas raízes.(informação verbal)⁷

Os Guató jamais cortam uma árvore sem antes verificar se é uma madeira completamente “sã”, isto é, sem defeito, depois medem com o palmo das mãos o tronco da árvore, e a mesma tem que ter mais de 12 palmos em volta, assim ela comportará 02 pessoas adultas.

Para identificar se uma ximbuvá é boa para a confecção de uma canoa, usa-se a técnica de bater no tronco da mesma, o som produzido pode observar se ela está oca, caso se confirme, ela não será utilizada para a construção da canoa, (figura 47).

Segundo as crenças populares a derrubada da árvore acontece somente na fase da lua minguante, ou aos sábados, porque dizem os antigos que “sábado a lua não regula, não interfere na natureza”.

Usando somente o machado para realizar a derrubada, é preciso tomar muito cuidado nesta hora, caso contrário, a madeira pode obter algum defeito ao cair, prejudicando o desempenho da canoa, com o mesmo machado corta-se a ponta da árvore depois que cai, o tronco tem que ter de 4,5 a 5 metros para ser uma boa canoa.

Para o alinhamento do tronco é preciso desenhar a base da canoa no chão, o tronco tem que estar firme em uma posição que não saia do prumo e nível, pois se houver algum erro a canoa pode ficar torta para uma dos lados, prejudicando o desempenho da canoa.

Feito tudo isso, inicia o trabalho da construção, lavrando com o machado a parte de cima do tronco e as duas laterais, mede-se novamente com outra linha para confirmar o desenvolvimento da largura, altura e profundidade da canoa.

Arrasar é cavoucar com o machado, tirando pedaço grande da madeira, em seguida com o enxogoiva, ferramenta leve que trabalha com uma mão só, faz-se o acabamento por dentro da canoa.

Após a parte de dentro da canoa ficar pronto, vira-se a mesma para trabalhar as costas, que é a parte de baixo da canoa, o bojo da canoa deve ser simétrico, e não pode deixar a canoa com o “piso” muito fino, pois ele ainda será arrastado até chegar à água para um acabamento final.

Após todos estes passos é preciso verificar se a canoa não está pensada na água, e confirmado que ela está pronta, é necessário deixá-la por alguns dias mergulhada ou cheia de água para sair toda seiva, ficando realmente pronta para o uso em poucos dias, (figura 46 de A a F).

⁷ Idem.



A: (construção da canoa)



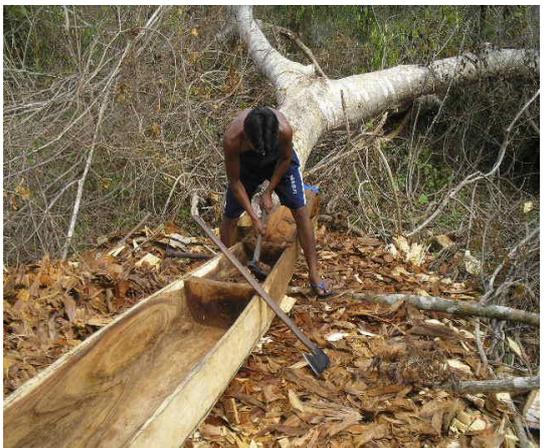
B: (construção da canoa)



C: (confeccionando uma canoa)



D: (Acabamento)



E: (Esmero)



F: (canoa finalizada)

Figura 46: Construção da canoa guató.
Foto-arquivo: Fabio Martinelli/2009.



Figura 47: Ximbuva "sã".
Foto: Fabio Martinelli/2012.

3.4 O encontro com Frederico Rondon

O Major Frederico Rondon, (1938) em sua obra “Na Rondônia ocidental” encontrou com os índios guató na década de 1930 onde relatou uma breve descrição física dos guató: “são de média estatura, pálidos, morenos claros, testa larga, cabelos pretos e lisos, cortados rentes; olhos pretos, pequenos, ligeiramente oblíquos; homens espadaúdos, bem proporcionados. A mulher guató é geralmente de pequena estatura”. (RONDON, 1938:258).

Rondon registrou uma lista com 80 palavras e 15 frases em guató, coletados com Jorítana (Joaquim Ferreira) e depois com duas meninas guató, também registrou sua extraordinária coragem, lealdade e seu jeito dócil e às vezes ingênuo de ser, vivendo sempre junto d’água, em grupos de poucas famílias. “tem a vida presa aos rios e às suas montarias (canoas)” (RONDON, 1938:259).

Embora não tenha mencionado a quantidade exata de Guató que encontrou, Rondon fez apenas referência de algumas centenas de indivíduos vivendo no Pantanal, atribuindo sua quase extinção a gripe espanhola de 1919.

4 PROCESSO DE REDESCOBERTA DO POVO E RECONQUISTA DE SEU TERRITÓRIO

4.1 O processo de extinção e a (re)conquista Guató

O século XX é marcado pela continuidade da pressão das frentes econômicas sobre o território guató. A criação de gado se intensifica fazendo com que essa população passe a buscar locais de difícil acesso para os criadores. Desta forma um dos locais escolhidos pelos Guató passa a ser a Ilha Ínsua:

A solução encontrada por muitas famílias indígenas foi procurar refúgio em áreas de difícil acesso para os criadores de gado. Uma dessas áreas foi a Ilha Ínsua ou Bela Vista. Outras famílias permaneceram em seus territórios, resistindo de diversas maneiras, inclusive trabalhando nas fazendas de gado com a finalidade, também, de continuar mantendo vínculos tradicionais com seu território. (SILVA, 2010).

Mas a escolha deste local não impede a atuação dos criadores que começam a levar cabeças de gado para a Ilha no início do século XX:

No entanto, no limiar do século XX, a Ilha Ínsua também passou a ser alvo de invasões por parte de novos fazendeiros, os quais soltavam o gado para destruir as plantações das famílias indígenas, assim como muitos dos recursos naturais ali disponíveis. Nessa época, a mobilidade espacial dos guató parece ter sofrido alguma diminuição, pois eles já não mais dispunham de um imenso território para nele se locomover e viver de acordo com seus usos, costumes e tradições. Também a agricultura paulatinamente parece que passou a ter mais importância na economia do grupo, embora atividades ligadas à coleta, à caça e à pesca ainda fossem de grande relevância no que se refere à subsistência das famílias. (Ibid, 2010).

À medida que o processo de ocupação de seus territórios avançam, os Guató acabam expulsos e muitos passam a viver nas periferias da cidade de Corumbá, Ladário, Aquidauana, Poconé e Cáceres. No entanto os poucos moradores que ainda ficaram na ilha observaram a instalação de uma base militar do Exército Brasileiro a partir de década de 1950.

Considerados extintos nos anos de 1970 passam a lutar pelo seu reconhecimento e pelo retorno ao seu local de ocupação tradicional:

Enquanto isso, os Guató continuavam em seu estado de *extinção* até o ano de 1976, quando a irmã salesiana Ada Gambarotto encontrou, em Corumbá, com a dona Josefina, filha de uma Guató com um não-índio. Irmã Ada Gambarotto, juntamente com a Pastoral Indigenista e outras entidades de apoio à causa indígena,

comprovaram a existência dos Guató; organizaram excursões e descobriram que eles estavam em maior número do que se imaginava. Somou-se a esse grupo de apoio a lingüística Adair Pimentel Barbosa, quem passou não apenas a estudar a língua guató, mas a atuar em defesa dos direitos do grupo. Assim, o grupo começou a se reorganizar, a realizar reuniões e atividades para levar até sociedade civil organizada os problemas por eles vividos. Os Guató passaram a lutar pelo seu reconhecimento étnico. (Ibid, 2010).

Com organização e apoio passam a exigir a atuação da FUNAI para o início do processo de reconhecimento de suas terras. Os trabalhos são iniciados em 1977 e passam a existir negociações com o Exército Brasileiro.

Nesse contexto, a atuação da Funai iniciou-se no ano de 1977, com a comprovação da existência dos Guató. A partir daí, algumas expedições foram organizadas pelo órgão indigenista oficial e pela Pastoral Missionária Indigenista, culminando com o reconhecimento da área como terra de ocupação tradicional indígena. Começou, então, a luta pela Ilha Ínsua, visto que o local pertencia ao Exército e, se fosse declarada como área indígena, nenhum não-índio poderia habitar o local, nem mesmo o Exército, que alegava tratar-se de uma área de segurança nacional, pois a ilha está localizada na fronteira Brasil-Bolívia. Essa disputa judicial, entre o Ministério do Exército e a Funai, perdurou durante anos, até o momento em que ambos acertaram um acordo. Por meio desse acordo ficou acertado que Exército permaneceria em uma parte da ilha e os Guató em outra. (Ibid, 2010).

Em 1992, os Guató conseguiram reaver uma pequena parte de seu território tradicional, a ilha Ínsua, a custa de muito suor e sangue, mas somente em 1994 retomaram a posse da mesma, passando então a reaver seus direitos, e principalmente o direito de ser índio.

Desde as primeiras notícias que se têm (viajantes espanhóis que percorreram o alto Paraguai) foram mencionados como um grupo pacífico e, ao mesmo tempo, arredio aos contatos com não-indígenas.

Este não envolvimento com a sociedade ocidental serviu como estratégia de sobrevivência, para que os índios guató chegassem ao século XXI.

Esta tabela de contato ilustra a situação demográfica dos Guató registrados por viajantes e exploradores que passaram por aqui, uma vez que o povo guató trata-se de um grupo que não possuía um formato tradicional de aldeia, com casa próxima uma da outra.

TABELA DE CONTATO COM O POVO GUATÓ AO LONGO DOS SÉCULOS DE CONTATO			
Ano	Região	População	Fonte
1543	Lagoa Gaiva	---	Cabeça de Vaca
1809	Lagoa a Oeste do rio Paraguai aos 19° 12' de latitude	30	Azara
1825/ 1829	Alto Paraguai	300	Florece
1847	Rio Paraguai, desde a boca da Uberaba e no São Lourenço desde a barra do Cuiabá	400	Leverger
1848	Alto Paraguai, Ilha Ínsua, Paraguai-Mirim e São Lourenço	500	Ferreira
1894	Alto Paraguai	29	Koslowsky
1901	Ilha Ínsua	46	Schmidt
1978	Corumbá, Ilha Ínsua	220	Cruvinel
1984	Corumbá, Ilha Ínsua, Bolívia, Rios São Lourenço, Pirigara e Vermelho, Miranda e Campo Grande	383	Cardoso
1995	Ilha Ínsua, Corumbá, Cáceres, fazendas e vilarejos da região pantaneira	700	FUNAI/PCBAP
2000	Rios São Lourenço/ Perigara e Cuiabá*	72	José da Silva
2008	Mato Grosso do Sul	175	Fusana
2008	Mato Grosso	195	Funasa

Tabela 5: Tabela de contato com o povo guató ao longo dos séculos de contato.
Fonte: Instituto Sócio Ambiental/ISA, 2011.

4.2 Os índios Guató no século XXI

Os índios guató escolheram o pantanal com o seu território tradicional, conseguiram adaptar-se para enfrentar todos os obstáculos e dificuldades que o ambiente lhes impôs. Enfrentam a sazonalidade das águas, entre os períodos de seca e cheia no pantanal desde seus primeiros contatos:

[...] os nativos tem umas canoas aparelhadas para essa época. São muito grandes e no meio delas fazem um fogão de barro. Depois de feito o fogão, o índio se mete ali com sua mulher e filhos, podendo, com a cheia, ir para qualquer parte. O fogão serve para cozinhar os alimentos e para aquecê-los. Assim passam quatro meses do ano, que é o período em que dura a cheia. Porém, mesmo com a cheia eles saltam à terra nas partes mais altas para caçar antas e veados que fogem da água. (CABEZA DE VACA, 2007, p. 174)

Embora a citação de Cabeza de Vaca não fosse especificamente para o povo guató, pois nesta época havia mais grupos indígenas canoieiros que habitavam o pantanal, era uma prática comum a troca de tecnologias entre os povos que habitavam o Pantanal a esta época.

Utilizavam como estratégia para a sobrevivência o contato dos não-índios, embora vivessem de maneira tradicional, como famílias autônomas nucleares, a mesma dificuldade para registrar suas aldeias, também serviu para escaparem das epidemias e guerra que dizimaram etnias inteiras culturalmente e biologicamente.

Após serem dados como extintos, oficialmente em meados da década de 1950 até a década de 1970, os Guató aprenderam a se (re) organizar para poder reivindicar o direito de ser índio e poder retomar o seu território tradicional:

Dona Dalva relembra esse tempo. “foram quase dez anos de luta. Nem sabíamos por onde começar”. Segundo ela, foi graças a Marta Guarani, presidente do Kaguataka, Associação dos Índios Desaldeados, que os guatós aprenderam a se organizar. “- Ela nos ensinou a lutar, a participar de manifestações, a brigar por nossos direitos”, conta, fazendo uma pequena pausa como se quisesse buscar na lembrança a imagem da amiga. Marta Guarani era sobrinha do líder indígena Marçal de Souza, assassinado em 1983 por fazendeiros. (OZAKI, 2006).

Conseguiram então os Guató, o direito de serem índios, quando a FUNAI criou um Grupo de Trabalho em 1984 para constatar a presença de índios guató vivendo na periferia de Corumbá e no Pantanal afora, foram recenseados 382 indivíduos guató.

A Constituição Federal de 1988 foi um marco para as populações indígenas do Brasil, pois ela trouxe em seu texto 16 artigos que estão relacionados à situação dos indígenas do Brasil, dentre os quais o artigo 231 estabeleceu o território tradicional indígena como:

São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, artigo 231, parágrafo 1).

Com a conquista da Ilha Ínsua, como terra indígena guató em 1992, os Guató conseguiram reaver uma pequena parte de seu território tradicional, após um acordo com o Ministério do Exército, onde uma parte da ilha ficou sobre responsabilidade do Exército Brasileiro, sobre a alegação de defesa da soberania nacional. Este acordo se arrastou na Justiça por mais 03 anos, e só em 29 de novembro de 1994 que os Guató realmente pisaram no solo da ilha Ínsua com sendo uma terra oficialmente indígena.

No ano de 1996 todos os Guató que estavam espalhados pelo pantanal e cidades próximas, foram convidados a voltar a morar na Ilha Ínsua. No entanto, muito tempo se passou desde a expulsão da maioria das famílias moradoras da ilha Ínsua, e nesse tempo muitos se organizaram e restabeleceram em outros locais, constituindo laços de amizade com o entorno.

“Muitos voltaram após algum tempo, para quem passou grande parte da vida na cidade chegar em um lugar sem o mínimo de conforto foi um difícil começo”. Palavras do Sr. Valeriano (70) em 2006, índio guató que retornou a viver na ilha em 1996.

Pelo fato do território tradicional dos Guató estar localizado no extremo noroeste do estado de Mato Grosso do Sul, na fronteira do estado de Mato Grosso e a Bolívia, na ilha Ínsua ou Bela Vista do Norte, aproximadamente 340 km da cidade mais próxima, Corumbá, sendo os únicos meios de transportes para chegada e saída são: aéreos ou fluviais, muitos decidiram não voltar, (figura 48).

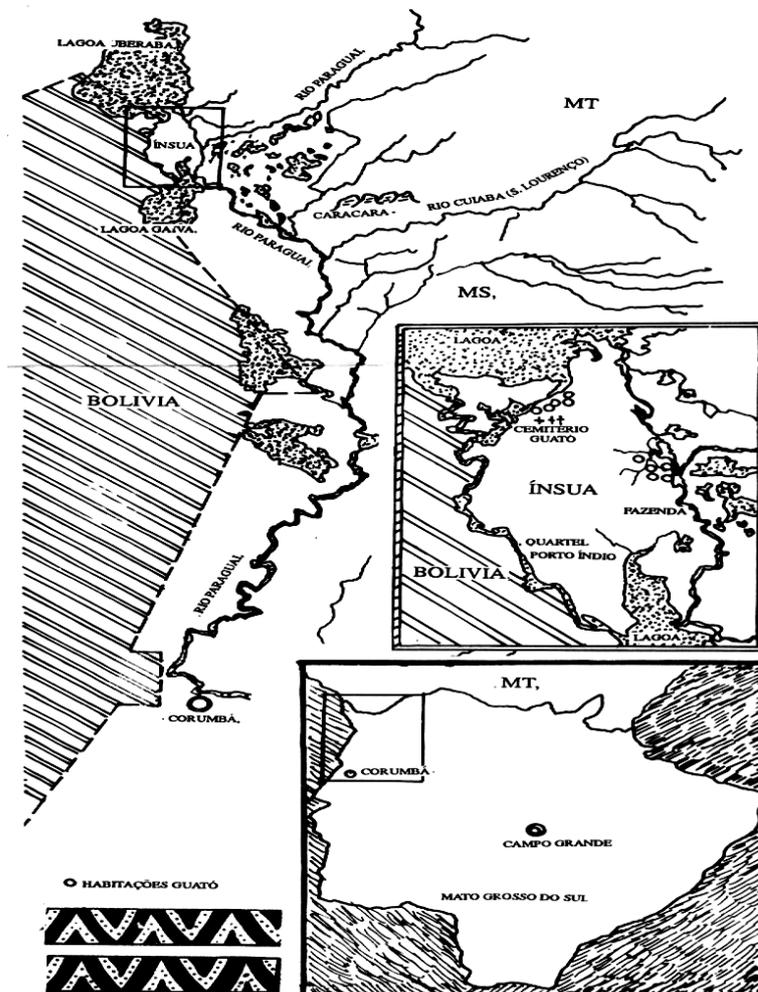


Figura 48: Localização da Ilha Ínsua.
Fonte: Rodrigues et al. (1991, p. 23).

A comunidade indígena guató hoje está com seu território demarcado, homologado e registrado, após ter passado por um longo período de busca, paciência e resistência e intermináveis reivindicações, os Guató conseguiram passar por todas as fases para reaver seu direito de ser índio e de ter uma parte do seu território tradicional.

Os mapas abaixo identificam as residências guató, distribuídas ao longo da margem do Canal Dom Pedro I e a Lagoa Uberaba, (figura 49 e 50).

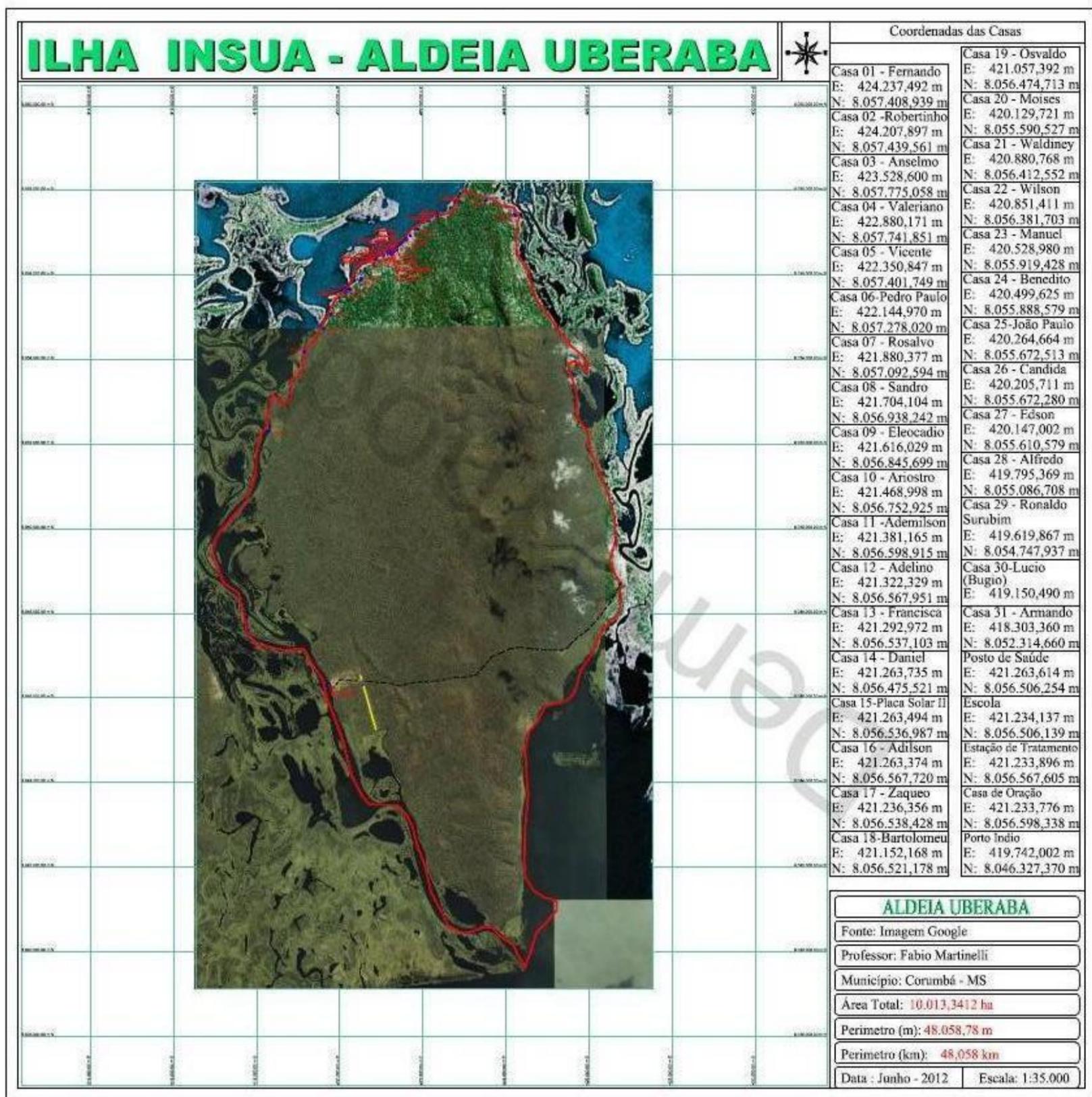


Figura 49: Mapa de ilha Insua, com as residências georeferenciadas. Fonte: Fabio Martinelli/2012.

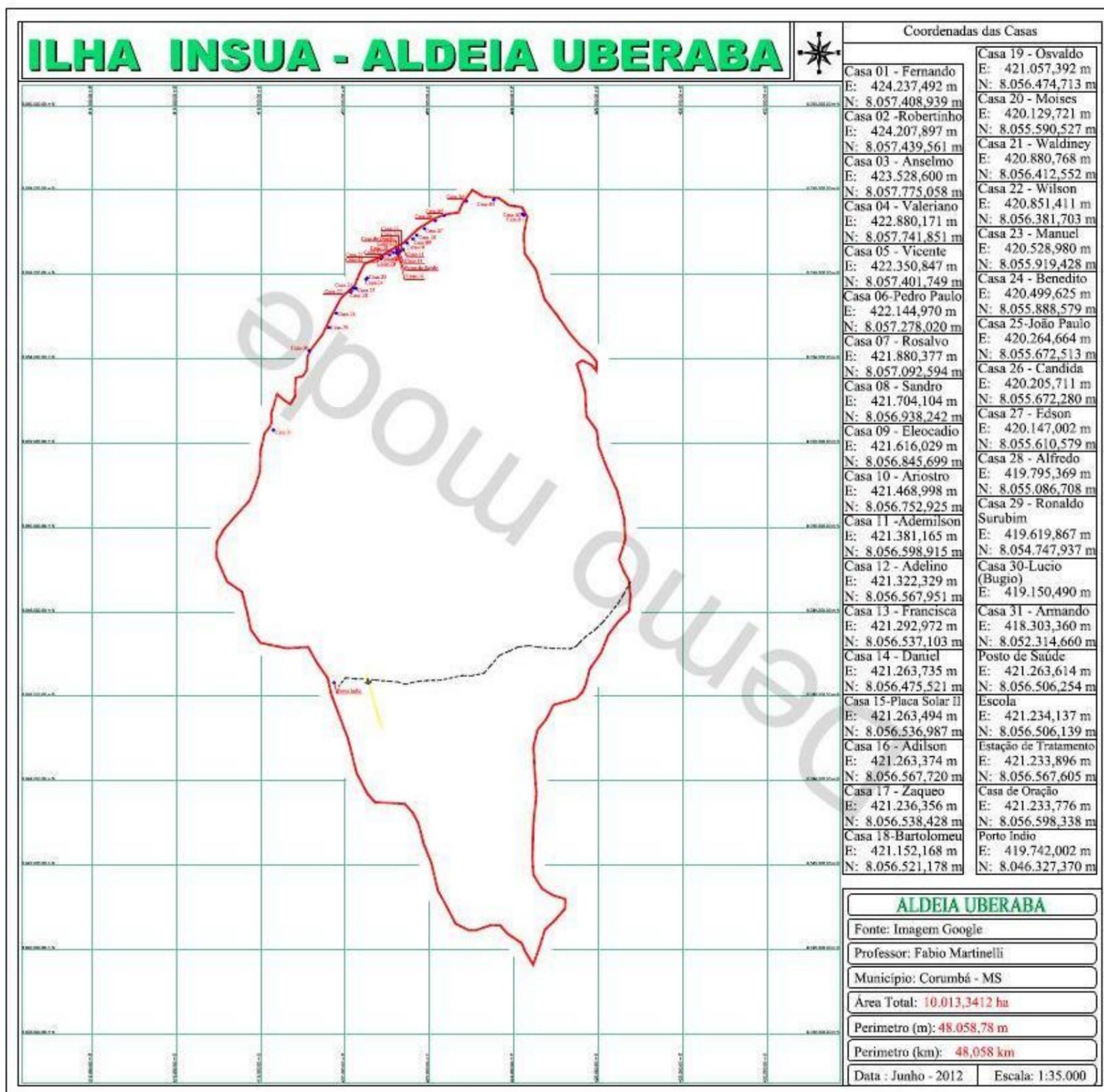


Figura 50: Mapa de ilha Ínsua, com as residências guató georeferenciadas. Fonte: Fabio Martinelli/2012.

4.3 Os últimos 15 anos

Ao longo dos mais de 15 anos em que o povo guató retornou e ocupou o seu território tradicional oficialmente, muito fatos ocorreram e influenciaram o cotidiano e a relação que os mesmos têm com a natureza.

Na organização social da aldeia Guató o Cacique Severo Ferreira e sua esposa Dalva de Souza Ferreira, estão a frente dos assuntos que diz respeito à comunidade.

Alguns exemplos da autonomia dos indígenas guató é a contratação de professores e funcionários da FUNASA, sempre se leva em consideração a indicação da liderança, ainda que o cacique não indique, a finalização da contratação teve ter o aval da liderança.

O contingente populacional da aldeia tem uma sazonalidade muito parecida com as águas do pantanal, ora estão cheio, ora com volume menor, segundo dados da FUNASA (2011) a população residente na Aldeia Uberaba é de 155 índios guató, sendo que em 2006 (OZAKI, 2006) registrou 230 pessoas e a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS) contou 150 em 1996.

Em contagem feita *in loco*, registramos 151 indígenas distribuídos em 36 famílias ao longo de 30 km da margem esquerda da ilha, com a frente para a fronteira com a Bolívia.

Como já foi dito, as pessoas migram pelos mais diversos motivos, e no caso dos indígenas guató não é diferente, os homens da aldeia estão à procura de serviço, e aceitam as mais diversas tarefas em troca de seu esforço, trabalham catando isca para as lanchas de turismo, peão de fazenda, tanto no Brasil como na Bolívia.

Também há vários casos de alistamento militar, no qual os indígenas vão para a cidade e acabam se encantando com as “maravilhas” dos centros urbanos, e ao final do alistamento não voltam para a aldeia. As mulheres guató também contribuem neste movimento, pois, acabam se casando com não índio e vão morar em Corumbá/MS.

As populações indígenas têm um histórico de natalidade bem maior que a população dos centros urbanos, na aldeia Uberaba não é diferente, embora nos últimos anos tenha apresentado uma ligeira queda no número de pessoas nas famílias, principalmente se compararmos as 06 famílias que sempre moraram na ilha, Armando 11 filhos, Rosauro 12 filhos, Zequinha 10 filhos, Leocadio 10 filhos, Cândida 12 filhos e Alfredo 13 filhos, atualmente as famílias tem uma média bem menor de filhos, em torno de 04 (quatro).

Estes fatos corroboram na dificuldade em calcular o número exato da população guató da ilha Ínsua, uma vez que os órgãos oficiais (FUNAI, FUNASA e IBGE) utilizam métodos diferentes para a contagem, (figura 54).

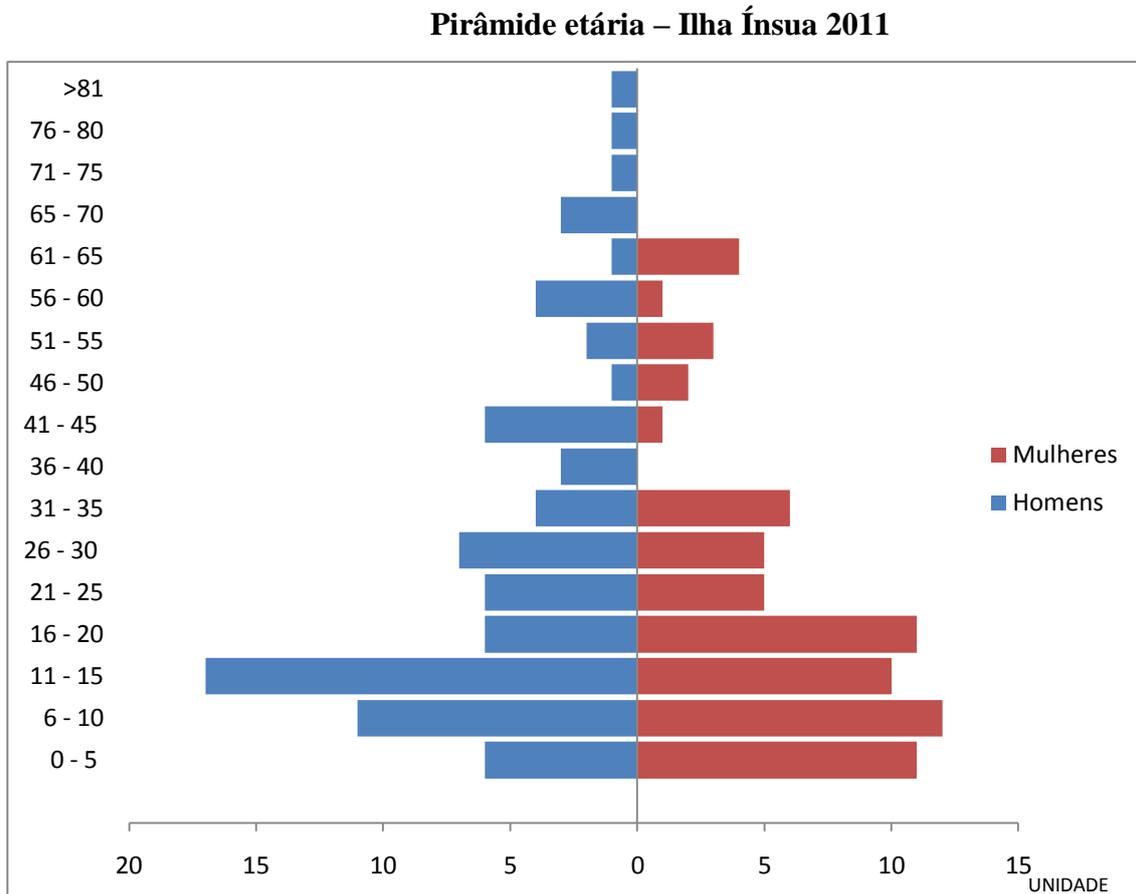


Figura 51: Mapa da população em julho 2011.
Organizador: Fabio Martinelli.

Com o advento da conquista ao direito de ser índio, os Guató retornaram para a ilha Ínsua e começaram a reclamar por políticas públicas, a qual todo cidadão brasileiro tem direito.

Alguma das conquistas que o povo Guató conseguiu ao longo dos últimos anos, foi à implantação de água encanada e tratada para quase todos os moradores da aldeia, apenas os moradores que moram mais distante do centro da aldeia não são contemplados com água tratada e encanada, (figura 52).

Registramos 36 residências, sendo que 06 residências não contam com água encanada, sendo a água do rio utilizada como fonte das diversas utilidades da água no cotidiano.

Outro programa do Governo Federal – Luz Para Todos, também chegou à aldeia Uberaba, embora o nome do programa seja muito sugestivo, e devesse contemplar todos os moradores da aldeia, apenas algumas residências conseguiram ser atendidas pelo programa.

O programa Luz Para Todos, com a utilização de energia solar, assistiu apenas a escola o posto de saúde e as residências próximas em torno de 04 (quatro) residências, (figura 54).

Em 2009 a FUNASA construiu uma casa de máquinas e instalou um motor movido a diesel para ampliar o atendimento da água tratada, uma vez que para atender quase a totalidade das residências era preciso um motor mais potente, com isso também pode ampliar a assistência da rede de energia elétrica, embora ainda falte muito pra atender a todos, (figura 53), pois, apenas 11(onze) residências utilizam energia elétrica ou solar, de um total de 36.

A chegada da energia elétrica na aldeia e principalmente o programa do Governo Federal – Luz Para Todos, criou muitas expectativas na comunidade, e com o não atendimento a todos, as famílias residentes mais distantes do centro da aldeia, começaram a utilizar pequenos geradores, adquiridos com recursos próprios.

Na comunidade há um posto de saúde assistido pela FUNASA, na qual uma enfermeira e dois agentes de saúde ficam de plantão, (figura 55).

A FUNASA também administra a estação de tratamento de água, deixando um responsável para o serviço de tratamento diário da água que é distribuída na comunidade.



Figura 52: estação de tratamento de água.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 53: Casa de máquina construída em 2009.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 54: Placa solares e casa de baterias ao fundo.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 55: Posto de saúde.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

A educação escolar indígena teve seu início logo em seguida da retomada da ilha Ínsua, sendo construída uma escola para atender as crianças moradoras, que até então eram alfabetizadas na escola do destacamento militar Porto Índio, (figura 56 e 57).



Figura 56: Primeira escola de aldeia.
Foto-arquivo: Zaqueo de Ferreira/1995.



Figura 57: Escola nova construída em 2004.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

Em 2004 a comunidade Guató ganhou a construção de uma escola de alvenaria, que atende o nível fundamental e médio de escolarização.

A distância de 340 km da cidade de Corumbá é a maior dificuldade enfrentada pela comunidade. O acesso a aldeia, via rio Paraguai, é feito com barcos pequenos chamados “voadeiras”. Os barcos levam de 08 a 12 horas para realizar a viagem dependendo do peso e da potência do motor.

Os barcos grandes, aqui chamados de lanchas são mais confortáveis uma vez que pode-se caminhar, deitar em camas e redes. No entanto o tempo gasto na viagem é maior, entre 30 a 40 horas, pois a potência do motor e o peso também influenciam.

A comunidade Guató possui uma lancha para 32 passageiros, e alguns moradores possuem voadeiras com motores de diversas potências. Entretanto está é uma viagem que tem um alto custo, tanto na lancha quanto de voadeira, (figura 528 e 59).

São necessários para realizar a viagem com uma voadeira (motor 40 hp) 350 litros de gasolina e mais 7 litros de óleo náutico. Já uma lancha precisa de no mínimo 800 litros de óleo diesel para a viagem.



Figura 58: Barco Guató I ao fundo e voadeira á frente.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 59: Barco Guató I, navegando no rio Paraguai.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

A religião sempre acompanhou os Guató ao longo do período de luta pelo território tradicional, ora pelas irmãs filhas de Maria auxiliadora e padre salesianos, ora por igrejas evangélicas, (figura 60).

Os registros feitos por Castelnau 1845 e Schmidt 1942, indicam que os Guató sempre se reuniam, em volta de fogueira com muito cururu, viola de cocho e bebida alcoólica, produzidas por eles mesmos, ou água ardente de cana, embora não se tenha o registro dos assuntos discutidos nestas reuniões se eram de cunho político, religioso ou apenas uma questão social.

Atualmente as reuniões da comunidade guató estão relacionadas com a escola e a casa de oração, no qual cultos religiosos são realizados diariamente, no entanto reuniões com propósito diferente são realizadas com menos frequência, principalmente quando é debatido algum tipo de projeto para ser implantar na aldeia, como por exemplo, a implantação do programa Luz Para Todos, a instalação do posto de tratamento de água, a construção dos banheiros ecológicos, entre outros.



Figura 60: Casa de oração.
Foto: Fabio Martinelli/2011.

A população guató obteve grandes conquistas nos últimos anos, após o seu regresso à ilha Ínsua. No entanto novas questões surgiram, e um dos grandes problemas enfrentado pelos moradores da aldeia Uberaba, são os resíduos sólidos, ou popularmente conhecidos na aldeia como lixo industrializado.

O lixo industrializado são os materiais que resultam dos produtos que vêm na cesta básica distribuída pelo Governo, mas não é o único lixo industrializado encontrado na aldeia, uma vez que o avanço da tecnologia e a crescente utilização de energia elétrica na aldeia, também contribuem para o aumento de diversos produtos industrializados inseridos no cotidiano dos moradores da aldeia.

Há pelo menos 05 anos, a escola vem tentando amenizar o problema do lixo na aldeia, a proposta apresentada foi à criação de um pequeno aterro (buraco) para depositar o lixo, no entanto nem todos os moradores levam o lixo até o aterro, pois há distância entre as casa e os aterros dificultam este processo.

Os resíduos colocados no aterro são queimados de tempos em tempos, embora não seja a opção mais correta ambientalmente.

Este e outros desafios que a população guatémalteca terá que enfrentar no século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem necessita do seu território, seja de aspecto material ou simbólico o território é que ajuda e condiciona a construção da identidade de cada indivíduo, ele necessita do seu território, do seu espaço e de criar vínculos e ligações com ele, pois é o território de cada indivíduo que melhor o identifica.

Ao longo do tempo e do espaço, os índios Guató tiveram que adaptar-se as mais diversas situações, no entanto, nunca deixaram “apagar” sua relação com o território tradicional, sempre estiveram próximo da água, da canoa e do remo, ora pescando, ora caçando.

Antes todos eram lideranças, e o quintal de suas casas era todo o pantanal, só eram encontrados quando queriam, para comércio e troca de mantimentos.

De Corumbá para cima é o país dos Guatós, tribo de navegantes eternos que, consubstanciados com suas canoas, quasi como o caramujo com a sua concha, erra e vive por aquelas alegres e fartas regiões dos pantanais do alto Paraguai, S. Lourenço e Cuiabá. Para o índio essa é a região onde a vida é fácil: a caça e o peixe são ahí não só em grande abundância, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundância, não é necessário trabalhar (MAGALHÃES, 1873, p. 375).

Dividiam seu território com outros povos canoeiros, e os registros que se tem mostram que a relação entre eles não eram muito amigável, no entanto nenhum deles conseguiu chegar ao século XXI com reconhecimento oficial.

Participaram da Guerra do Paraguai, lutaram ao lado do Brasil, ajudando os soldados a se locomoverem em uma região tão hostil. Salvaram soldados brasileiros de serem massacrados pelos paraguaios, ou se perderem nos corixos do pantanal. Auxiliaram os soldados na busca por socorro junto a Corroa, ganhando em troca o direito a extinção 80 anos depois.

Aprenderam a requerer os seus direitos, se organização e conseguiram voltar para casa. Agora, enfrentam no século XXI novos desafios, pois, as novas tecnologias já chegaram à aldeia.

Luz elétrica, água encanada e cesta básica já é realidade, no entanto a relação que se tinha com a natureza não é mais a mesma. Todas as famílias têm a sua canoa, mas a voadeira com motor também esta presente em algumas famílias, as casas que foram recém construídas

já não segue o mesmo padrão de outrora, o motosserra se faz presente para retirar a madeira da floresta.

As ximbuvas estão cada vez mais longe da margem do rio, é preciso andar horas para encontrar uma “sã”, e depois ter um cuidado (re) dobrado para levá-la até o rio.

As pessoas mais “velhas” da aldeia, ainda conservam a maneira guató dos “antigos”, os mais jovens enfrentam um dilema muito grande, ficar ou sair da aldeia, como morar em um lugar tão longe da cidade.

A língua materna é ensinada na escola, mas ninguém fala o idioma Guató na aldeia, apenas algumas palavras são ditas esporadicamente. Schmidt (1942), Castelnau (1845) e Rondon (1938), deixaram pequenos registros do vocabulário, e a SED formalizou um pequeno dicionário em 1996, e isto é um pouco do que se tem da língua materna na aldeia.

A relação que o povo Guató desenvolveu com a natureza ao longo dos séculos, sofreu alteração, igual a várias comunidades no mundo, pois a cultura é por si só dinâmica, no entanto os produtos, principalmente tecnológicos, que estão sendo inseridos na aldeia, precisam de um destino adequado na hora do descarte.

Cabe a comunidade conhecer os benefícios e malefícios que estes produtos poderão gerar no futuro próximo, uma vez que são praticamente descartáveis e não terão destino adequado.

Espera-se que este trabalho ajude a divulgar um pouco da história e da cultura dos índios guató – canoieiros do pantanal.

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz Nacib. O Pantanal Mato-grossense e a teoria dos refúgios. Revista brasileira de geografia. Rio de Janeiro: IBGE, n. 50, p. 9-57, 1988. Tomo especial.

AGUILERA URQUIZA, A. H.(org.), et. al. Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo, módulo 2. Campo Grande. Ed. UFMS, 2010, 93p.

BALDUS, Herbert. Max Schmidt 1874-1950. Revista do Museu Paulista. São Paulo: Museu Paulista, Nova Série, vol. V, p 253-260, 1951.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto por Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BRASÍLIA. Ministério da Justiça. Fundação Nacional do Índio. Brasília, 2012 Disponível em: <www.funai.gov.br> Acesso em: 01 de abril de 2012.

BRASÍLIA. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2012 Disponível em: <www.funasa.gov.br> Acesso em: 01 de abril de 2012.

BRASÍLIA. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012 Disponível em: <www.ibge.gov.br> Acesso em: 01 de maio de 2012.

CABEZA DE VACA, Alvar N. *Naufragios y comentarios*. Edición, introducción y notas de Roberto Ferrando. 2ª ed. Madrid: Raycar, 1984. 318 p. (Colección Historia, 16 - Serie Cronicas de América, 3).

_____. *Naufregios e comentários*. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. Porto Alegre: L &PM, 1987. 256 p. (Coleção L & PM/História - Série Os Conquistadores, 3).

CABRAL, Paulo Eduardo, Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul: Algumas Reflexões – Secretaria Estadual de Educação – Campo Grande-MS, 2002. 110p.

CASTELNAU, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. Tradução de Olivério M. de Oliveira Pinto. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. 448 p.(Coleção Reconquista do Brasil 2ª série).

CLAVAL, Paul. Terra dos homens: A geografia. Tradução Domitila Madureira. Editora Contexto. São Paulo, 2010.

CORTESÃO, Jaime. Jesuítas e Bandeirantes no Itatim. Coleção Documentos para a História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Alvorada, 2010. 401p.

“Encontro com Milton Santos ou o mundo global visto do lado de cá”. Produção de Silvio Tandler, Documentário, 87 min., 2007, Brasil.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Arqueologia das Sociedades Indígenas no Pantanal. Campo Grande. Ed. Oeste, 2004. 117p.

_____. Arqueologia Pantanaira, História e historiografia (1875 – 2000). Dourados. Editoria UFGD, 2008. 222p.

_____. Os argonautas Guató: aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal Matogrossense. Porto Alegre: PUC-RGS, 1995. (Dissertação de mestrado)

_____. Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoeiros do Pantanal. Faculdade de filosofia e Ciências Humanas, PUCRGS, Porto Alegre, 2002 (Tese de doutorado em História/ Arqueologia)

FLORENCE, Hércules. Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 38, parte Primeira, p. 337-469, 1875.

FLORENCE, Hércules. Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 38, parte Segunda, p. 231-301, 1875.

FLORENCE, Hércules. Esboço da viagem feita pelo sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Etnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 39, Segunda parte, p. 158-182, 1876.

_____. *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1929*. Tradução de Alfredo d'Escagnolle Taunay. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1948. 343 p.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das Culturas*. Zahar. Rio de Janeiro, 1978

GUATÓS será o fim? *Globo Rural*, São Paulo, 28 mar. 2004. Disponível em: <www.achetudoeregiao.com.br>. Acesso em: 30 julho. 2011.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da Desterritorialização do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 396p.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*, 22. Ed. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2008. 116 p.

KEESING, Roger. *Theories of Culture*. *Annual Review of Anthropology*, vol. 3. Palo Alto Califórnia, 1974.

LEVERGER, Augusto [Barão de Melgaço]. *Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do S. Lourenço até o Paraná*. *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Rio de Janeiro: D. Luiz dos Santos, t. 25, p. 211-284, 1862a.

_____. *Roteiro da navegação do rio Paraguay desde a foz do rio Sepotuba até o rio S. Lourenço*. *Revista trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Rio de Janeiro: D. Luiz dos Santos, t. 25, p. 287-352, 1862b.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 150-186.

LIBAULT, A. *Os quatro níveis da pesquisa geográfica: Métodos em Questão*. São Paulo: IGEO/USP, N° 1, 1971.

LIMA, Rosangela Aparecida Ferreira. *Dando a palavra aos Guatós: Alguns aspectos sociolingüísticos*. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2002 (Tese de doutorado em Língua/lingüística).

LISBOA, Miguel Arrojado Ribeiro. *Oeste de São Saulo, Sul de Mato Grosso*. Coleção Documentos para a História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Alvorada, 2010. 228p.

LOPES DA SILVA, Aracy. Índios, Editora Ática. São Paulo, 1988. 39 p.

LORENZETTO, Sérgio Mario. Episódios Históricos da Formação geográfica do Brasil. Coleção Documentos para a História de Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Alvorada, 2010. 125p.

LUCIANO, Gerson dos Santos. O índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de Hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006. 232 p.

MAIA, Marcus. Manual de Lingüística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006. 268 p.

MAGALHÃES, José V. C. de. Ensaio de anthropologia: região e raças selvagens. Revista trimestral do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, t. 36, 2ª Parte, 1873. p. 359-508.

_____. O selvagem. Prefácio de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1975. 159 p. [Em apêndice o fac-símile da 1ª edição de 1876]. (Coleção Reconquista do Brasil, 16).

MANGOLIN, O. *Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul: Viveremos por mais 500 Anos*. Campo Grande: Conselho Indigenista Missionário. 1993.

MARTINELLI, Fabio Silva. Guató: - A trajetória de uma comunidade indígena na Educação Ambiental. SENAC/AM, 2010. (não publicado)

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve painel etno-histórico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS/INEP, 2002. 100 p.

MARTINS, José de Souza. *Não há terra para plantar nesse verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político no campo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: Não há terra para plantar neste verão. Petrópolis/RJ: Vozes, 1988.

MENDES, Gisele de Souza. Análise Espaço Temporal da Evolução da Cobertura Vegetal e do Uso do Solo da Aldeia Indígena Jarará – MS. Aquiadauana: UFMS, 2006 (Dissertação de mestrado)

MINISTÉRIO DA MARINHA. Histórico da Base Fluvial de Ladário. Disponível em: <www.mar.mil.br/bfla> .Acesso em: 01 de maio de 2011.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Histórico do destacamento federal de Porto Índio. Disponível em: <www.17bfron.eb.mil.br> .Acesso em: 06 de junho 2011.

MOURA, Pedro de. Bacia do Alto Paraguai. *Revista brasileira de geografia*. São Paulo: IBGE, a.5, n. 1, p. 3-38, jan.-mar. 1943.

NIMUENDAJU, Curt. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendaju. Rio de Janeiro: IBGE/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981. 97 p.

OZAKI, Suki, Guató, a saga de um povo que recusou a extinção. *Metrópole*. Campo Grande. Milas & Cia Ltda, Ano VII, nº 87, p. 15 – 25, 2006.

PALÁCIO, Adair P. Guató: a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai. Tese (Doutorado em Ciências) - Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1984. 155 p.

PEQUENO DICIONÁRIO DA LÍNGUA GUATÓ: Guató-Português Português-Guató. Secretaria de Estado de Educação, Governo Popular de Mato Grosso do Sul, gestão 1999-2002. Convênio FNDE/MEC/SED-MS, 2002.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. Etnografia e iconografia nos registros produzidos por Hércules Florence durante a Expedição Langsdorff na Província do Mato Grosso (1826-1829). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados Dourados, MS. UFGD, 2008. 203p.

PREZIA, Benedito; Hoornaert, Eduardo. Esta terra tinha dono. 6 ed. FTD. São Paulo, 2000.

PROJETO RADAMBRASIL. *Folha SE.21 Corumbá e parte da folha SE.20*. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia, Secretaria-Geral, 1982. 451 p. (Série Levantamento de Recursos Naturais, 27).

RAMIRES, Mário. A volta de maguató, o frango d'água pantaneiro. *MS Cultura*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, a. 3, n. 7, p. 37-46, 1987.

RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, Berta G. O Índio na cultura brasileira. 3ª Ed. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2000. 186 p.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 476p.

RIBEIRO Júlio César. A Geografia da Escravidão no Território do Capital. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2001 (Dissertação de Mestrado em Geografia).

RODRIGUES, Sandra, MATSUNAKA, Yuri & DUARTE, Paulo. Guató – povo canoeiro do Pantanal. Campo Grande: *Boletim Kaaguateca*, n. 2, Ago. 1991.

RONDON, Frederico. *Na Rondônia ocidental*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. 281 p. (Coleção Brasileira, 130).

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª Edição. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

_____. O mundo não existe. *Veja*, Rio de Janeiro, Editora Abril, ano 27, n 46, p 7, 16 nov. 1994. Entrevista concedida a Dorrit Harazin.

_____. O retorno do Território. Em: OSAL: Observatorio Social de América Latina. Año 6 n. 16 (jun. 2005). Buenos Aires: CLASCO.

_____. Técnica, Espaço, Tempo Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. 3ª Ed. Editora Hucitec. São Paulo, 1997.

SCHMIDT, Max. Estudos de etnologia brasileira. Peripécias de uma viagem entre 1900 e 1901; seus resultados etnológicos. Tradução de Catharina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942b. 393 p. (Coleção Brasileira - Série 5ª, 5).

_____. Indianerstudien in Zentralbrasilien. Erlebnisse und ethnologische Ergebnisse einer Reise in den Jahren 1900 bis 1901. Berlin: Dietrich Reimer (Ernst Vohsen), 1905. 456 p.

_____. Hallazgos prehistóricos en Matto-Grosso. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Asunción: Imprenta Guarani, n. 1, t. 5, p. 27-62, 1940a.

_____. Nuevos hallazgos de grabados rupestres en Matto Grosso. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Asunción: Imprenta Guarani, n. 1, t. 5, p. 63-71, 1940b.

_____. Resultados de mi tercera expedición a los Guatos efectuada en el año de 1928. Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Asunción: La Comena, t. 5, n. 6, p. 41-75, 1942a.

_____. Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910. Zeitschrift für Ethnologie. Berlin, Band. 44, Heft 1, p. 130-174, 1912.

SILVA, Giovani José, verbete para o Instituto Sócio Ambiental: Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/pib.socioambiental.org/pt/povo/guato>> Acesso em 10 Janeiro de 2010.

SILVA, Giovani Jose, Kadiwéu: senhoras da arte, senhores da guerra. 1 ed – Editora CRV. Curitiba, 2011.

SIQUEIRA JR, Jaime G. "*Esse campo custou o sangue dos nossos avós*": a construção do tempo e espaço Kadiwéu. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), 1993.

SOUZA, Lécio Gomes. Historia de uma região: Pantanal e Corumbá. Vol. 1 – Editora Resenha Tributária Ltda. São Paulo, 1973.

Anexo

Anexo I – Questionário socioeconômico

QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Hábitos alimentares:

Peixe: Pacu () Piranha () Pintado () Dourado ()

Outros: _____

Mamíferos: Anta () Veado () Capivara () Porco do Mato () {cateto () queixada ()}

Outros: _____

Réptil: Jacaré () Jabuti () Tartaruga ()

Outros: _____

Vegetais: Banana () Abobora () Mamão ()

Outros: _____

Qual o tipo de vasilhame: () Barro () Alumínio () Ferro ()

Outros: _____

Preparo dos alimentos: Fogão de Lenha () Fogão a gás ()

Outros: _____

Temperos: _____

Qual o utensílio utilizado para caça e pesca:

Arco e flecha: sim () não ()

Arpão: sim () não ()

Espingarda: sim () não ()

Revolver: sim () não ()

Anzol: sim () não ()

Outros: _____

Artesanato:

Cestaria Trançado: sim () não ()

Qual: _____

Tecelagem: sim () não ()

Qual: _____

Colar: sim () não ()

Qual: _____

Madeira: sim () não ()

Qual: _____

Confecciona canoa: sim () não ()

Casa tradicional: sim () não ()

Em caso de não qual o modelo: madeira () alvenaria ()

outros: _____

Falante de língua: sim () não ()

Utilização de água tratada: sim () não ()

Utilização de energia elétrica: sim () não ()

Utilização de remédios caseiros: sim () não ()

Utilização de telefone: sim () não ()

Outros: _____

_____.

Aenxo II – Roteiro para entrevistas

Roteiro para entrevista

-Mapear a disposição das residências da aldeia:

- olhar as disposições de 1996 a 2011

- Quando a energia chegou, (motor e solar), quais as primeiras casas que recebeu energia?

Quando chegou a cesta básica (distribuída pelo Governo)?

Qual o tipo de alimentação antes da cesta? E o que era feito com os descartes?

O que é feito com os resíduos sólidos industrializados? Ex.: lata ou garrafa pet de óleo, lata de extrato de tomate, embalagem plásticas em geral.

MOBILIDADE INTERNA

Já tenho registro de que muitos moradores mudaram de local dentro da aldeia, sendo assim após identificação destes moradores:

Fazer o levantamento dos motivos destas mudanças internas:

- casamento; energia, discórdia, roça, pasto...

MOBILIDADE EXTERNA

Levantar o máximo possível de moradores que chegaram e saíram deste 1996 até os dias atuais.

Quais os motivos que levaram as pessoas voltarem para aldeia ou saírem?

- Disposição e construção das casas:

O que influencia as rotinas da família ou comunidade; houve alguma alteração nos últimos anos que influenciou a disposição das coisas dentro das residências? Ex.: energia elétrica, TV, geladeira qualquer outro produto.

PERGUNTAS GERAIS:

Poligamia;

Relação com nomes indígenas,

Organização social;

Economia, como era feito para adquirir produtos que não eram encontrados na natureza. Ex: sal, fósforo, matérias de origem do ferro como: faça, enxada, foice, armas de fogo e munição.

Como foi feito a escolha pelo local de sua residência?

Qual a influencia dos períodos de cheia e seca no cotidiano?

Porque não se usa mais fazer a colheita do arroz selvagem?

A construção da canoa de um pau só, sempre obedeceu aos mesmos critérios? Pois os registros que se tem, apresenta ser uma canoa maior!

Anexo III – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS

TITULO DO PROJETO DE PESQUISA: GUATÓ – UMA ANALISE TERRITORIAL DE VALORIZAÇÃO GEOAMBIENTAL

1. PESQUISADOR:

Nome: Fabio Silva Martinelli, **CPF:** 662.639.051-15 **RG:** 850.879 SSP/MS, **Telefone:** (67) 8428-9898/(67) 3365-8397 **Endereço:** rua Lico Barcelos, 131 **Bairro** Jardim Zé Pereira **CEP:** 79.107-410 **Cidade:** Campo Grande/MS.

2. ORIENTADOR.

Nome: Wallace de Oliveira **CPF** **RG** **Telefone** (67) 3509-3735 **Endereço** Av.Ranupho Marques Leal.3484 Cx.Postal 210 **CEP** 79620-080 **Cidade** Três Lagoas/MS.

3. OBJETIVOS DA PESQUISA:

3.1 Objetivo Geral:

O presente projeto tem como objetivo principal colaborar para que a comunidade Indígena Guató fortaleça os laços com a sociedade envolvente. Uma vez que as populações indígenas de maneira geral enfrentam muitos conceitos pré-estabelecidos ou preconceitos.

3.2 Objetivos específicos:

a) Rever o histórico da Comunidade, principalmente quanto ao fato de terem ficado alguns anos sendo considerados índios extintos; b) Questionar as relações com a natureza a partir do contato com o não-índio; c) Mapear o território tradicional atual comparando com o antigo; d) Levantamento de dados através de pesquisa com as famílias da comunidade.

4. JUSTIFICATIVA DA PESQUISA QUANTO AO USO DE IMAGEM, SOM GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS:

Com imagens atuais poderão ser entrecruzados dados bibliográficos e dados empíricos, registrado na literatura específica sobre os Guató e em fotos atuais, cedidas pelas pessoas entrevistadas ou ocasionalmente obtidas quando da presença de alguma criança nas residências dos referidos entrevistados.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS QUANTO AO USO DA IMAGEM, SOM GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS:

A literatura Guató não aponta nenhum desconforto de origem mitológica sobre reprodução fotográfica ou áudio visual.

6. POSSÍVEIS DESCONFORTOS E RISCOS QUANTO AO USO DE CAPTAÇÃO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS:

Partindo do princípio que os instrumentos para a coleta de imagens só serão expostos para as entrevistas e acionados apenas quando for explicado e autorizado, o possível desconforto torna-se inexistente.

7. POSSÍVEIS BENEFÍCIOS ESPERADOS COM A CAPTAÇÃO DE IMAGEM, SOM, GRAFISMO, OBRAS E OUTRAS CRIAÇÕES INDÍGENAS:

Contribuir para estudos escolares dos povos indígenas.

Considerando as informações constantes dos itens acima, concordo em participar da presente pesquisa na condição de entrevistada.

1. A participação em todos os momentos e fases da pesquisa é voluntária e não implica quaisquer tipos de despesa e/ou ressarcimento financeiro;
2. É garantido o anonimato ou a identificação quando o informante se interessar por fazer uma versão de sua própria história ou de seu povo;
3. É garantida a liberdade de retirada do consentimento e da participação no respectivo estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo, punição ou atitude preconceituosa;
4. Os dados coletados só serão utilizados para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados em livros, ensaios e/ou artigos científicos, em revistas especializadas e/ou em eventos científicos;
5. A pesquisa aqui proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) Campus de Três Lagoas, que a referenda e
6. O presente termo está assinado em duas vias.

Corumbá/MS ____/____/2011.

Nome do Entrevistado: _____

Assinatura do sujeito da pesquisa

Pesquisador: Fábio Silva Martinelli

Orientador: Profº Drº Wallace de Oliveira

Anexo IV – fotografias de equipamentos, artesanato e imagens dos Guató.

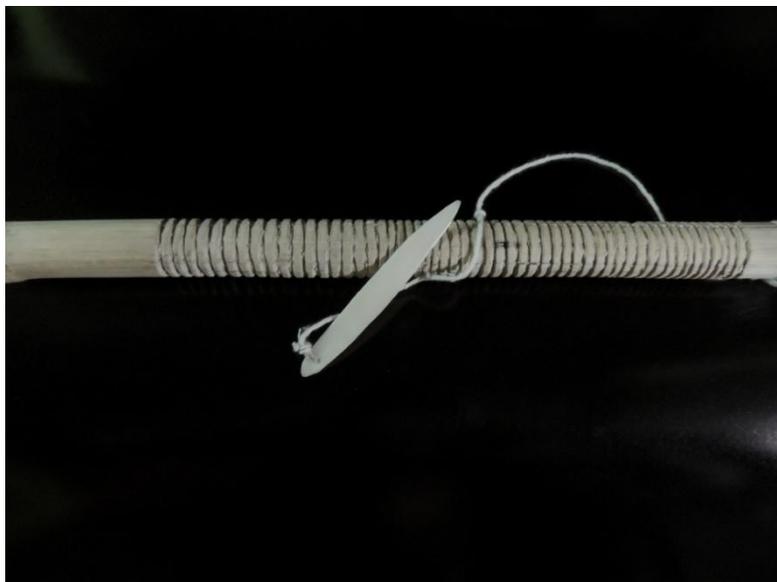


Figura 1 do anexo: Gansa, que acompanha a viola de cocho no cururu.
Foto: Fabio Martinelli/2012



Figura2 do anexo: Réplica da viola de cocho, artesanato Guató.
Foto: Fabio Martinelli/2012



Figura 3 do anexo: Réplicas de canoas, artesanato Guató.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 4 do anexo: Abanos Guató.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 5 do anexo: Réplica de Pilão e gamela feito em madeira.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 6 do anexo: Artesanato Guató, feito de folha de aguapé.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 7 do anexo: Artesanato Guató, feito de folha de aguapé.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 8 do anexo: Enxogoiva, ferramenta utilizada na fabricação de canoa.
Foto: Fabio Martinelli/2012



Figura 9 do anexo: letreiro rupestre da Gaíva.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 10 do anexo: letreiro rupestre da Gaíva.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 11 do anexo: Cacique Severo e crianças Guató.
Foto: Fabio Martinelli/2009.



Figura 12 do anexo: Aqua Van, voadeira tipo ambulância da FUNASA.
Foto: Fabio Martinelli/2011.



Figura 13 do anexo: Menino Guató carregando compras na canoa.
Foto: Fabio Martinelli/2012.



Figura 14 do anexo: Sol se pondo no Pantanal.
Foto: Fabio Martinelli/2012.